



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Luana Corrêa dos Santos

**Sobre segregação, violência e feminino: uma leitura psicanalítica de
práticas clínicas institucionais com crianças e adolescentes negras**

Rio de Janeiro

2020

Luana Corrêa dos Santos

Sobre segregação, violência e feminino: uma leitura psicanalítica de práticas clínicas institucionais com crianças e adolescentes negras

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise e Políticas Públicas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora Prof.^a Dra. Heloísa Fernandes Caldas Ribeiro

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S237 Santos, Luana Corrêa dos.
Sobre segregação, violência e feminino: uma leitura psicanalítica de práticas clínicas institucionais com crianças e adolescentes negras / Luana Corrêa dos Santos. – 2020.
63 f.

Orientadora: Heloisa Fernandes Caldas Ribeiro
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Psicologia.

1. Psicanálise – Teses. 2. Negros – Teses. 3. Segregação – Teses. I. Ribeiro, Heloisa Fernandes. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

bs

CDU 159.964.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Luana Corrêa dos Santos

**Sobre segregação, violência e feminino: uma leitura psicanalítica de práticas clínicas
institucionais com crianças e adolescentes negras**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise e Políticas Públicas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 03 de agosto de 2020.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Heloisa Fernandes Caldas Ribeiro (Orientador)
Instituto de Psicologia - UERJ

Prof. Dr. Vinícius Anciães Darriba
Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Ruth Helena Pinto Cohen
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Rio de Janeiro

2020

À memória dos meus antepassados; vós e vós.

Ao amor do meu pai, à força da minha mãe.

Ao meu povo negro! À minha ancestralidade!

“Ecoou um canto forte da senzala
Negro canta, negro dança
Liberdade fez valer
Não existe sofrimento, não existe
mais chibata, só existe
a esperança para um novo
amanhecer”.

(Ponto preto velho / Adorei minhas santas almas)

RESUMO

SANTOS, Luana Corrêa dos. **Sobre segregação, violência e feminino**: uma leitura psicanalítica de práticas clínicas institucionais com crianças e adolescentes negras. 2020. 63f. Dissertação (Mestrado Profissional em Psicanálise e Políticas Públicas) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Esta dissertação aborda o tema da segregação, da violência e do feminino a partir de práticas clínicas em instituições, com crianças e jovens negras. Trata-se de um tema complexo, pois envolve questões relacionadas às noções de raça, gênero e classe social. Tem-se aqui o interesse em estudar essas interseções tomando como direção metodológica a abordagem psicanalítica de Freud e Lacan e partindo da escuta atual daqueles que podem nos falar de um trauma que, passado de geração a geração, se mantém até os dias de hoje. Para isso, foi feito primeiramente um resgate histórico que nos ajuda a clarificar como a discriminação racial foi se constituindo no âmbito social, principalmente no Brasil, fazendo com que o negro fosse segregado. Em seguida foi apresentada uma ilustração através de fragmentos de casos que retratam o real da violência que os negros sofrem por causa do tom da pele e como os efeitos da rejeição do Outro são transmutados em ódio e violência. Ao final consideramos que nesses últimos anos os negros tem se unido para resgatar as histórias perdidas de seus antepassados e como isso tem auxiliado nas lutas de igualdade social, o que ultrapassa o âmbito das leis, pois parte da constituição de sujeitos do inconsciente.

Palavras-chave: Psicanálise; negros; segregação; violência.

ABSTRACT

SANTOS, Luana Corrêa dos. **On segregation, violence and the female: a psychoanalytic reading of institutional clinical practices with black children and adolescents...** . 2020. 63f. Dissertação (Mestrado Profissional em Psicanálise e Políticas Públicas) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

This dissertation approaches the theme of segregation, violence and the feminine from clinical practices in institutions, with black children and youth. This is a complex issue, as it involves issues related to notions of race, gender and social class. Here, there is an interest in studying these intersections taking as methodological direction the psychoanalytic approach of Freud and Lacan and starting from the current listening of those who can tell us about a trauma that, passed from generation to generation, remains until today. For this, a historical review was carried out, which helps us to clarify how racial discrimination was constituted in the social sphere, especially in Brazil, causing blacks to be segregated. Then, an illustration was presented through fragments of cases that portray the reality of the violence that blacks suffer because of their skin tone and how the effects of the rejection of the Other are transmuted into hatred and violence. In the end, we consider that in recent years blacks have united to rescue the lost stories of their ancestors and how this has helped in the struggles for social equality, which goes beyond the scope of laws, as part of the constitution of subjects of the unconscious.

Keywords: Psychoanalysis; blacks; segregation; violence.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	8
1	ALGUMAS QUESTÕES HISTÓRICAS E POLÍTICAS DO NEGRO NO BRASIL.....	11
1.1	O Brasil colônia.....	11
1.2	O Brasil república.....	13
1.3	A política do Estado Novo.....	16
1.4	A ciência e a globalização na contemporaneidade.....	19
2	SEGREGAÇÃO, VIOLÊNCIA E FEMININO.....	28
2.1	Caso P: Qual caminho seguir?.....	33
2.2	Caso W: O amor se mede pela cor?.....	37
2.3	O caso E: Jogue suas tranças Rapunzel... ..	40
2.4	Caso T: Que criança eu sou?.....	44
2.5	Caso G: O corpo da mulher negra tomado como objeto.....	51
2.6	Caso M: Ser mãe	52
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	60

INTRODUÇÃO

Ao longo do meu percurso profissional me deparei com várias nuances nos atendimentos clínicos com crianças e adolescentes da cor de pele negra. Diante de meus estudos e formação em psicanálise percebi que algo nesses atendimentos deixava escapar, um desamparo crucial uma vez que, em termos de questões sociais e políticas, não funciona um amparo mínimo e necessário para esses sujeitos, mesmo que se diga que todos têm seus direitos assegurados por lei.

As crianças negras, além de enfrentarem os conflitos que são esperados na formação infantil, recebem algo a mais, que as crianças brancas não ganham. Já na infância é à elas o peso de haver alguma coisa de diferente, uma estranheza, uma não aceitação, que passa pelo tom da sua pele: a cor negra! Essa estranheza lhe atinge através dos sentidos; de um olhar, de uma fala, de uma escuta, dentre outras manifestações que provem da violência que atravessa o corpo, corta a sua pele e faz sangrar internamente, inconscientemente antes mesmo que possa se conscientizar disso. Esse corte promovido pelo olhar do Outro diante da pele negra faz parte dos primeiros traços que marcam a criança.

Assim como todo trauma infantil esse traço é recalcado, resto inconsciente, assim como as formas de prevenção e sobrevivência defensiva. Retoma na adolescência, de forma mais cruel e agressiva, influenciando as direções afetivas e amorosas e a relação com o próprio corpo e o do Outro. O adolescente negro é quem mais denuncia a violência que atinge a população negra, ao colocar o seu corpo em jogo, arriscando-se assim à objetificação do corpo negro; as meninas se valem da sexualização para dar conta da pulsão, mas ao mesmo tempo, naturalizam as afirmações de que a mulher negra tem a sexualidade exacerbada; e aos meninos são atribuída truculência e acentuada brutalidade o que levam a serem tidos como violentos. Por haver esse repúdio e ódio em relação aos negros, permito-me correlacionar a questão da negritude a estrutura do feminino em psicanálise a partir de Freud que fez uma comparação entre feminino e mistério ao afirmar que o feminino era para a psicanálise um enigma insondável, como um continente negro. Tal comparação feita em “Análise leiga” retoma a África, assim denominada no século XIX, tanto pela cor de pele de sua população sub-saariana, como pelo desconhecimento que representava para os europeus.

Enquanto quase o mundo todo esteve sob o domínio europeu, a África permaneceu fora desses domínios até as últimas décadas do século XIX e grande parte do continente permaneceu inexplorada por um longo período ainda. O termo parece ter

surgido pelo fato dos cartógrafos não terem informações sobre a África e por isso teriam deixado nos seus mapas uma massa negra no lugar do continente.

(Bernardes, 2012, s.p)

O adjetivo *negro* tanto na expressão corrente da época de que Freud mencionou como indicação da ignorância dos cartógrafos não nos parece ser um termo ao acaso. Ao contrário, a cor da pele foi propícia à escravidão dos negros. Para embasar tal colocação acima, procuramos históricos sobre a vida dos sujeitos negros desde sua vinda ao Brasil até o momento atual. Observamos que, antes de haver o preconceito racial houve interesses políticos que, gerados pela máquina capitalista mundial, produziram um mercado econômico que se alimentava e se alimenta até hoje da supremacia de um povo sobre o outro em uma relação sujeito-objeto. A escravização do povo negro ficou marcado pela cor da sua pele, uma diferença bem contrastante, já que muito antes da escravização negra havia a escravização dos brancos, porém o tom da pele os aproximava e de alguma forma a escravização branca foi esquecida pela história. Em contrapartida a única coisa que foi apagada da escravização negra foi a sua cultura e junto com isso sua constituição de sujeito e sua legitimidade intelectual. Esse esboço da escravidão que foi estrategicamente criada perdura até os dias de hoje nas posições trabalhos que os negros ocupam. A partir disto organizamos essa pesquisa traçando pontos relevantes que têm alimentado a presença da violência relacionada aos negros na sociedade atual, seja como a parte violentada ou aquela que reage de forma violenta.

A organização do trabalho clínico contém estudos de fragmentos de casos que foram atendidos em três instituições; A Fundação Amélia dias de Assistência ao Menor e Adolescente (FAMAD), Organização não Governamental Casa da Árvore e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Atuo como psicóloga da Fundação Amélia Dias de Assistência ao Menor e Adolescente (FAMAD), desde 2013. Nessa fundação desempenho o trabalho clínico ambulatorial voltado para crianças e adolescentes que são encaminhados em sua maioria por escolas públicas e pelo Sistema único de Saúde. Na Organização não governamental Casa da Árvore o trabalho é direcionado para a primeira infância e ocorre num espaço de convivência. Os atendimentos são feitos com crianças e responsáveis que frequentam o local, longe do panorama ambulatorial e de consultório. O espaço funciona no sistema de plantão diário, com duração de três horas e uma reunião com supervisão semanal de duas horas. Cada plantão é composto por três psicólogos que tem como base o método psicanalítico. O trabalho se constitui a partir das observações e intervenções dos profissionais que atuam na área de saúde coletiva. Faço parte da equipe desde 2015. Na UERJ, meus atendimentos foram feitos no

âmbito da disciplina obrigatória de estágio supervisionado. Tendo escolhido uma supervisão orientada pela psicanálise pode contribuir para a prática psicanalítica dentro da Universidade, atendendo tanto as crianças quanto seus responsáveis, em geral, as mães.

Essas instituições atendem pessoas que, em sua maioria, vivem em região norte e oeste do Estado do Rio de Janeiro; regiões concentram muitas comunidades de pessoas que sobrevivem com um valor aquisitivo muito baixo. Ou seja, as crianças e adolescentes atendidas nesses serviços, vivem em ambientes menos favorecidos na cidade do Rio de Janeiro, lidam diretamente com a precariedade financeira e com muita violência. Trata-se de um ambiente frágil do ponto de vista do simbólico, e que favorece que os sintomas sejam precários para tratar do desamparo traumático. Seja pela forma como recebem a pouca atenção político-social, seja pela forma como reagem a ela: a violência está muito presente. No ataque transmitem a mesma violência que sofrem, fisicamente, verbalmente, no outro e/ou em si mesmo, sempre atingindo o corpo e denunciando o sistema delicado e frágil quanto ao cumprimento da lei em que vivemos.

Entendemos que diante dessas manifestações de violência há um pedido subjetivo de ajuda. O desejo de trabalhar esse tema surge do aumento da demanda dos casos de violência que, nos últimos anos, chegam às instituições. Muitas das vezes quando esses pedidos de ajuda chegam à clínica é pela via da queixa do Outro da educação, tanto familiar como escolar. Ela vem através de pais, responsáveis, ou escolas que fracassam de alguma forma, no processo “normativo” de socialização da criança e do adolescente. As queixas mais frequentes são feitas pela escola e chegam com um diagnóstico já previamente estabelecido pela instituição como dificuldade de aprendizagem, desvio de comportamento por não obedecer a regras, hiperatividade, déficit de atenção, autismo, entre outros. Nesses casos, é preciso praticar uma clínica cuidadosa apoiada pela escuta do sujeito que chega, ao invés de se debruçar sobre os rótulos pré-estabelecidos a respeito da violência que se manifesta.

De tudo, considera-se ao final os avanços que a escuta analítica permite que o sujeito faça, agindo por outras vias que não sejam as da violência. Percebe-se ao longo do trabalho que a tecnologia, o capitalismo e a ciência de alguma forma corroboram para que as pessoas menos privilegiadas tenham mais dificuldades para ascender socialmente, assim como alcançar espaços na academia intelectual do país, que por sua vez parece funcionar como uma via de mão dupla para as pessoas negras; tanto para segregar quanto para sublimar a violência.

1 ALGUMAS QUESTÕES HISTÓRICAS E POLÍTICAS DO NEGRO NO BRASIL

1.1 O Brasil colônia

“No tempo do cativo, negro chorava sim senhor. Depois lá na senzala cantava pra nosso senhor. Batuca negro no cativo”

(Ponto preto velho/ No tempo do cativo)

Na época em que o Brasil era colônia de Portugal, a escravização dos negros obedeceu a uma estratégia que foi posta em prática em dois tempos: o primeiro tempo foi aquele da negociação dos mercadores de escravos com os chefes de tribos africanas, que trocaram membros de suas tribos por mercadorias ou favores políticos; o segundo foi o da invasão das tribos enfraquecidas, o que facilitou que esses mercadores se apossassem dos negros por meio da violência física, para vendê-los como escravos na Europa. Os negros escravizados foram levados por seus donos para a América, para trabalharem e construir o chamado *Novo mundo*.

Sabemos que, desde que o mundo é mundo, os impérios foram construídos a partir do domínio de um povo sobre outro. Sempre houve dominadores e aqueles por eles subjugados. Para subjugar, os dominadores usavam a força ou alguma estratégia coercitiva que permitisse impor seu domínio. Ora, isso não significa que o dominador fosse em si superior aos dominados, mas que usou a força ou outra estratégia de manipulação que desqualificasse os dominados a partir de algum traço que servisse para caracterizá-los. No caso dos negros essa desqualificação se concentrou na cor da sua pele, ou seja, naquilo que é mais visível para servir como uma marca. Colocar a cor da pele como a marca dos escravizados foi um jogo de mestre dos mercadores e senhores de escravos, pois é algo perceptível de imediato ao olhar.

Por muito tempo, o negro foi erroneamente tido como fraco e fácil de ser escravizado, quando comparado à resistência dos índios bugres, que lutaram para não serem subjugados, devido em parte ao fato de que, como nativos, conheciam bem o território. Valendo-se desse saber, eles conseguiram criar estratégias de fuga, de luta e sobrevivência bastante eficientes. Diante da resistência dos índios, os mercadores de escravos utilizaram inicialmente a política de troca para se apossarem dos negros, retirando-os de seu território natal. Outro ponto importantíssimo no processo de escravização foi misturarem as tribos nos chamados navios negreiros: por falarem línguas diferentes, eles não conseguiam se comunicar, o que

consequentemente diminuía a possibilidade de se organizarem em um motim. Percebemos assim que a escravização dos negros obedeceu a um plano detalhadamente arquitetado.

O fato de usarem a impossibilidade da comunicação entre eles como arma principal para alquebrar o negro escravizado, toca em um ponto no qual a questão da escravização se articula ao ensino de Lacan, pois, para Lacan, o que constitui um sujeito é sua entrada na linguagem. O negro dependia de sua cultura e da língua usada em sua tribo. O fato de não poder se comunicar com os outros e de ser deportado como escravo para outras regiões de forma violenta lhe retirava seu estatuto de sujeito. Desqualificado como ser humano, reduzido a objeto de uso de seu senhor, ele foi transformado em coisa passível de ser comprada, violentada, abusada e mesmo assassinada, sem que isso fosse considerado um crime.

Os nomes pejorativos que são usados ainda hoje para diminuir a imagem do negro são uma herança desse momento perverso, em que o negro, retirado da condição de sujeito da linguagem, é desqualificado e tomado como objeto-dejeto. Para Noemi Moritz (2017, p.09), “o Brasil é um país traumatizado que jamais ajustou contas com suas dores terríveis, com as situações obscenas da colonização e da escravatura”.

Nesse período houve muitas mortes no intuito de doutrinar os escravos a maneira do colonizador. Grilhões, açoites no tronco, estupros, alimentação escassa, separação das famílias, dentre outros, fizeram com que a morte fosse mais agradável do que a vida sub-humana que possuíam. Alguns se lançavam numa pulsão de morte ao desafiar a escravidão, mas com o tempo foram se unindo em prol da liberdade, resgatando a cultura que trouxeram da África.

Os povos eram divididos em nações, cada um com sua especificidade; Nagô, Daomeanos, Bantu e Angola-congolês. As tribos africanas foram desmanteladas, e o pouco que sobreviveu no Brasil são as nações que encontramos inseridas na religião afro. A partir da escravização, essas pessoas se uniram num único culto para celebrar suas nações nos terreiros da senzala na esperança da sobrevivência das suas culturas no Brasil, que deram origem a outras nações: Ketu, Nação Angola e Jejê, hoje são conhecidos e encontrados no candomblé.

Nesses cultos os ensinamentos eram passados através da fala e por e um pequeno nicho tinha acesso as doutrinas, pois nem todos falavam o mesmo dialeto, por mais que estivessem unidos não compartilhavam suas doutrinas com outros povos no receio de haver uma deturpação daquilo que eles professavam. Não há escritas que nos diga claramente sobre essas nações, apenas resquícios que nos apontam seu modo de sobrevivência, os mistérios eram passados de geração a geração a partir da fala, e ainda assim, para aqueles que eram

considerados dignos e tinham prestígio dentro da nação. Diferentemente da cultura europeia, as nações não distinguem a religião e a política da cultura, um é a extensão e o espelho da outra. Antes mesmo da escravidão, as nações não utilizavam o termo religião, este termo é europeu. Dessa forma, resgatando suas nações e constituindo guetos, foram se organizando minimamente para se manterem vivos e encarar essa empreitada escravocrata.

1.2 O Brasil república

“Negro entoou, um canto de revolta pelos ares, no quilombo dos palmares, onde se refugiou, fora a luta dos inconfidentes, pela quebra das correntes, nada adiantou”
(Canto das três raças/ Clara Nunes)

O Brasil manteve o regime escravocrata por quase 300 anos. As lutas pela liberdade não foram contadas pelos negros e o que é ilustrado até hoje são as ações (Inconfidência Mineira, por exemplo) do homem branco elitista, que são vistos como heróis da luta em prol do povo negro. As batalhas travadas pelos quilombolas são pouco retratadas nas histórias pela luta da liberdade de seu povo. Os assuntos relacionados ao quilombo é a rebeldia dos negros frente ao trabalho que não aceitavam do senhor de engenho, atribuindo-lhes mais uma vez o significado de agressivos e mal agradecidos por se revoltarem com aqueles que acreditavam ser os seus senhores.

Após 130 anos da abolição da escravatura, ainda lidamos com o que resta desse processo de colonização escravocrata. Pode-se dizer que, hoje, o racismo no Brasil é um sintoma social, decorrente de um período muito traumático que não foi revisto e retorna como uma repetição que adoece. Trata-se de um conflito que não é individual, uma vez que recobre a relação de cada sujeito com o campo do Outro, campo da cultura e da linguagem que lhe antecede e o determina.

Como aponta Caldas (2017, [s.p]):

Freud destaca, desde o início de seu trabalho, o trauma como aquilo que leva ao nascimento do *Sprachen apparat* (aparelho de linguagem) e funda uma escrita corporal. Não se trata do corpo orgânico que independe da fala, mas do corpo que, para a psicanálise, só o é como falante. Corpo que nasce assim a partir de duas dimensões espaciais: a da carne e a da linguagem.

A maior parte da população brasileira é descendente de escravos e carrega em si parte desses traumas, o que se torna evidente na atualidade quando negros buscam o reconhecimento e o respeito que lhes é devido como cidadãos.

Em nosso país, os negros e mestiços, em sua maioria, construíram as cidades com seus esforços e trabalhos físicos, mas não têm ainda o direito de usufruir dos benefícios e privilégios que vieram com o desenvolvimento do país, para o qual eles certamente contribuíram e contribuem bastante.

Após centenas de anos de escravatura, o que restou da abolição foram sujeitos resignados à sua própria sorte, sem nenhuma documentação que lhes permitissem ocupar seu lugar de cidadãos. Muitos negros não têm ainda uma moradia digna, nem direito a frequentar, por causa do seu baixo poder aquisitivo, lugares onde poderiam usufruir da arte e da cultura, apesar de ter dado a elas uma grande contribuição, ou mesmo de poder continuar estudando. Ao deixarem de ser escravos, o trabalho que lhes coube foi o de serviçais que não tinham direito a um salário honrado, mas apenas a um espaço de moradia. Apesar de terem conseguido sair das senzalas, os negros tiveram que ir para as periferias ou para os morros e não conseguiram, em sua maioria, lugares de habitação e trabalhos dignos. Ou seja, a abolição não cumpriu o objetivo de retirar o negro do lugar de objeto, uma vez que não lhe devolveu uma posição de sujeito. Durante a república, o poder continuou a manter o negro no lugar de menos-valia impedindo seu exercício de cidadania e conseqüentemente que ele ganhasse autonomia.

A esse respeito, diz Neusa Santos (1983): “exercer a autonomia é produzir um discurso sobre si mesmo.” O fato de reconhecer os negros no discurso, significa ter uma escuta voltada para o seu testemunho, o que faz com que, conseqüentemente, ele reivindique o que lhe é devido por direito como cidadão. Enquanto não houver uma escuta desse testemunho haverá uma denegação do que ocorreu na escravidão, já que o reconhecimento desse fato traz à tona os traumas vividos pelos negros e a vergonha daquilo que os brancos tentam recalcar.

Para Lélia Gonzales (Apud Noemi Moritz, 2017), a denegação é o que há de mais primordial nesses fatos históricos. Ela afirma que essa denegação está intimamente articulada à dificuldade de compreender o racismo e o sexismo. Não há um reconhecimento formal dos atos truculentos da escravização, a começar pela dor experimentada pelos negros frente à separação dos seus pares. A separação violenta de sua cultura e de sua família pode ser aproximada daquilo que Freud descreve como castração, uma vez que tudo o que valorizava o negro em sua tribo passa, quando ele é escravizado, a ser tratado como algo desvalorizado, rejeitado, e ele próprio é reduzido à condição de objeto de uso de um outro. Quando seus atributos são desqualificados, o negro passa de sujeito a objeto-dejeito, seu Eu se dissocia e o

Outro, o branco, é imposto como Ideal do eu, Ideal do Outro como bem diz Lacan, ou seja, como aquilo que o Outro dita que ele deveria ser. Ora, a exaltação do padrão de beleza segundo as características do homem branco: nariz afunilado, pele alva, cabelos lisos, diverge dos padrões da beleza negra: narinas mais espaçadas, cabelos crespos e pele mais retinta.

A desqualificação daquilo que caracteriza o negro, que é diferente do branco, fez com que o negro, para ser minimamente aceito, acabasse pensando que ele deveria atingir essas características do dominador, ou seja, quanto menos retinto e menos características de negro tivesse, mais chances ele teria de alcançar o Eu ideal do colonizador, a partir de uma crença, falsa, de que se ele fosse assim, sofreria menos discriminação e seria mais aceito. A isso Freud em “Introdução ao narcisismo” (1976) chamou de ego prazer purificado, onde tudo aquilo que é rejeitado, tende a ficar de fora e ser destruído. Outro ponto importante se refere ao culto aos orixás na religião africana, que também foi rechaçado, pois este culto foi interpretado como algo maligno. Consequentemente, os negros foram obrigados a seguir a religião dominante dos brancos, e não a de sua tradição.

Essa (re) caracterização do povo brasileiro ter se tornado mais mestiço fez parte da quimera higienista e racista à qual se deu o nome de *branqueamento* da população brasileira. Sérgio de Castro (2017) acentua que a mestiçagem foi uma política astuta, pois conseguiu por em dúvida aquilo que havia de mais primordial no ser: seu eu. Sou ou não sou? O que sou? O que não sou? Esse questionamento existe até hoje e esbarra na nova política de inclusão que surgiu em 2003, pela primeira vez, no vestibular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ou seja, o regime de cotas. Como a pessoa declara o que é? A partir de qual olhar?

Esse assunto emblemático traz discussão até mesmo entre os próprios negros, que ao tentar ir de encontro ao embranquecimento social, duelam entre si quem tem mais prestígio social a partir do seu grau de melanina.

Frantz Fanon em “Pele negra e máscaras brancas” (2008) vem falando essas condições de embranquecimento através das relações das parcerias entre homens brancos e mulheres negras e mulheres brancas e homens negros, submetidos ao complexo de dependência do colonizado. Diz ainda que isso tem repercussão ainda hoje, quando temos esse seguimento presente na clínica.

(...) O negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidades por causa de existir; ou ainda, se a sociedade lhe cria dificuldades por causa da sua cor, se encontro em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a manter a distância; ao contrário, meu objetivo será, uma vez esclarecidas as causas, torna-lo capaz de

escolher a ação, (ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais.

(FANON, 2008, p.94-95)

Além de lidar com a questão do embranquecimento, que nada mais é do que encarar a liberdade caótica e desamparada, os negros tiveram que galgar suas próprias formas de sobrevivência nas cidades. Infelizmente o sustento advinha somente de trabalhos braçais e subserviência, ainda que houvesse negros alforriados e poucos letrados, era praticamente impossível se envolverem em trabalhos políticos ou até mesmo no meio das artes e literaturas, que é povoada pela elite branca.

1.3 A política do Estado Novo

*“Ah, comigo o mundo vai modificar-se. Não gosto do mundo como ele é.”
(Carolina Maria de Jesus)*

De 1937 ao início de 1946, ou seja, o período do Estado Novo, Getúlio Vargas adotou uma política populista e nacionalista. Nessa época, houve certo reconhecimento e valorização do negro e do índio como brasileiros.

Essa política de valorização foi apoiada por vários artistas e escritores. Alguns deles, que faziam parte do movimento *modernista*, começaram a expor, no início do século XX, obras que valorizavam os traços dos índios e dos negros. Como exemplo, citemos o quadro de Anita Malfatti¹ intitulado “Tropical” (1917), no qual ela retrata uma mulher negra carregando um cesto com frutas extraídas da terra brasileira: abacaxi, bananas etc.

Alguns escritores, que pertenciam ao movimento da literatura brasileira chamado *realismo*, já denunciavam, antes mesmo da abolição da escravatura, o que acontecia, ao relatar, por exemplo, o adoecimento de pessoas, em sua maioria negra, nas cidades. Machado de Assis, um dos grandes escritores da língua portuguesa, foi o fundador desse movimento literário. Em 1882, ele publicou um conto intitulado “O alienista”, no qual apontava de alguma forma as consequências do abuso do dominador em relação aos dominados. O próprio Machado de Assis foi embranquecido pela história, já que era mestiço. Ele nasceu no Morro do Livramento no Rio, numa família muito pobre, e jamais chegou à universidade. Apesar de ser um grande escritor e ter produzido uma obra muito rica e extensa – dedicou-se a

¹Anita Malfatti fez parte do *grupo dos cinco*, ou seja, do grupo formado por pintoras e escritores que se destacaram na Semana de Arte Moderna de 1922, do qual faziam parte ainda: Mario de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Menotti del Picchia.

vários gêneros literários, tais como: poesia, contos, romances, escreveu peças de teatro, ensaios e crônicas para jornais – ele teve que lutar muito para ganhar prestígio na literatura, já que nessa época não se dava facilmente prestígio a um negro. Digamos que Machado de Assis conseguiu, por ser um grande escritor, ultrapassar a discriminação racial e ganhou uma posição de prestígio no Brasil. Ele criou a Academia Brasileira de Letras da qual foi o primeiro presidente. Porém, nem todo negro é um gênio da literatura como Machado de Assis, e assim muitos negros, em função da baixa escolaridade, não conseguiram uma ascensão social. Os que não souberam lidar com a situação de abandono e mesmo de exclusão social enlouqueceram, sendo trancafiados por toda a sua vida em manicômios.

Muitos homens e mulheres negras tiveram sua saúde mental afetada em função do que poderíamos descrever como um conflito entre o eu ideal e o Ideal do Eu. Conflito bastante recalcado, do qual não se podia falar, o que, como Freud demonstrou desde sua pesquisa sobre a histeria, leva ao adoecimento. Não houve uma fala e conseqüentemente uma escuta desse trauma porque a escravização não podia ser dita, permanecendo, por muito tempo, um assunto a calar. Até mesmo a psicanálise cuja função é justamente a escuta do outro, não chegou a tocar nesse assunto tão delicado. Atualmente, há sem dúvida uma nova geração de artistas, escritores e psicanalistas, em sua maioria negros, que trabalha contra o racismo e defende o respeito que é devido aos negros; assim vai se impondo certa urgência de falar daquilo que, por muitos anos, foi recalcado.

Outro escritor negro que deu sua contribuição nessa época foi o Afonso Lima Barreto, conhecido como: Lima Barreto dentro da literatura. Ele fazia parte do movimento pré-modernista e modernismo. Suas obras apontavam criticamente a ação social e política, que não privilegiava os mais pobres que viviam a margem, em sua maioria negra, utilizando um tom de humor e sarcasmo em suas obras.

O escritor Luís Gonzaga Pinto da Gama, mais conhecido como Luís Gama, era advogado, escritor e abolicionista. O único negro que passou pela escravidão até os 17 anos de idade e conseguiu, judicialmente por conta própria, conquistar sua liberdade e tornou-se advogado para poder ajudar outros escravos. Utilizava-se de poesia e sarcasmos para denunciar o massacre do racismo evidenciado na época e a dificuldade que se tinha para alcançar um lugar de prestígio dentro do mundo acadêmico.

*“Ciências e letras
Não são para ti:
Pretinha da Costa
Não é gente aqui”
(Luís Gama)*

A escritora negra pouco reconhecida em seus méritos, a Carolina Maria de Jesus, na primeira metade do século XX publicou o “*Quarto do despejo*”, fazendo referência ao local em que morava na favela, enfrentou muitos desafios por ser uma mulher negra, favelada e de pouca escolaridade. Hoje a escritora Conceição Evaristo retoma e reavive a história da Carolina, destacando-a como uma das primeiras mulheres negra a romper as barreiras do mundo intelectual. Conceição Evaristo, escritora e poetista que se graduou e se consagrou doutora, exalta em seus romances a luta do povo negro não só no mundo acadêmico, mas também nos espaços que são considerados da elite, como forma de resistência. Assim também como; Aparecida Sueli Carneiro Jacoel, uma das principais filósofas que trata do feminismo negro, juntamente com Djamila Ribeiro, que traz em suas obras “*O que é lugar de fala?*” e “*Quem tem medo do feminismo negro?*” as memórias do silenciamento do povo negro. Internacionalmente podemos citar Angêla Davis, que influenciou sobre a segregação negra nos Estados Unidos e a psicóloga portuguesa, Grada Kilomba, que trouxe à tona novos significantes para instrumentar metodologicamente o estudo do preconceito racial no mundo acadêmico. Mas para que isso acontecesse, outras revolucionárias abriram caminhos para essas escritoras citadas acima; Maria Firmino Reis, professora e antiescravista, Tia Ciata, que lutou pela sobrevivência do candomblé e do mesmo modo a sobrevivência da história do negro, dentre outras mulheres que lutaram e nunca tiveram seus nomes reconhecidos socialmente.

Na psicanálise não foi muito diferente, a primeira socióloga negra a fazer uma formação que não fosse da área médica foi a Virginia Leone Bicudo, na segunda metade do século XX, fazendo suas pesquisas sobre: “*Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*”. Outra referência negra na psicanálise foi a Neusa Souza Santos, que escreveu o livro: “*Tornar-se negro*” no final do século XX, mas só teve sua obra reconhecida poucos tempos, quando a população negra se interessa nos estudos que diz respeito a si.

Hoje, por influência desses autores, temos na atualidade autores de literatura infantil como: Lázaro Ramos, Elisa Lucinda, Junião, Kiusam de Oliveira, Neusa Baptista Pinto, Carmem Lúcia Campos, Edmilson de Almeida, Madu Costa, dentre outros, que estão resgatando e positivando as características culturais do negro através de contos que vem dos nossos ancestrais.

Clayton Andrade (2017, s.p) chama a atenção para o fato de que:

um testemunho que transmita a experiência de sofrimento até então impronunciável tem efeitos clínicos e sociais, porém não necessariamente políticos. Para isso, seria preciso uma militância que consiga fazer

convergir o testemunho em ato. Somente aí nesse espaço de intersecção, de indeterminação identitária e predicativa, que um ato político seja realmente possível.

Com a retirada do conhecimento da cultura negra, julga-se a intelectualidade do negro por não saberem da sua própria história. Sabemos que aproveitando-se que muitos negros estavam em conflito, buscou-se justificar que a inteligência do negro foi inferior à do branco, ou seja, que eles seriam incapazes intelectualmente. A discriminação foi além quando se recorreu à ciência para tentar comprovar esses ditos racistas que circulavam no meio social. Mesmo após o término da escravidão percebemos que ainda havia um esforço para manter o negro na posição de dominado, desta vez não por meios visíveis de grilhões de ferros, mas pelo uso de uma autoridade que ditava as normalidades e a verdade absoluta.

1.4 A ciência e a globalização na contemporaneidade

“Favela, orgulho e lazer(...) por que aqui no morro também tem jogador, artistas famosos, empresários e doutor, gente inteligente, e mulheres belas, você também encontra aqui na favela”
(Mc Marcinho/ Favela)

Na segunda metade do século XX, a ciência produziu um novo discurso sobre as raças. Os estudos genéticos comprovaram que, quanto aos genes, nada especifica o grau de superioridade ou de inferioridade de um grupo étnico sobre outro, o que faz com que surja uma nova discussão acerca do conceito de raça.

Se, por um lado, esse fato devolve o estatuto de sujeitos às pessoas negras, pois as retira de uma classe inferior e as reintegra na condição de seres humanos inteligentes que lhes foi retirada desde a época da escravização, por outro lado, a discriminação se mantém nos dias atuais, porém de forma mais escamoteada. Se o fator biológico está atrelado à prática da ciência como verdade absoluta e mesmo assim perdura a discriminação, percebe-se que há algo que vai além da ação discriminatória. Segundo o antropólogo Kabengele Munanga (2017, p.33), “a racionalidade não é o suficiente para renunciarem a crenças racistas. São movidos por outra racionalidade, que não é necessariamente a científica”.

Freud, em “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921/1996), discute o que está na base da formação dos grupos sociais, dedicando-se a estudar a identificação ao líder em grupos como o exército e igreja. Ele acentua que, no plano individual, a identificação está intimamente ligada a um conflito, pois o sujeito experimenta sentimentos ambivalentes, ou seja, de amor e ódio em relação a esse Outro a quem ele coloca no lugar de Ideal do Eu.

Paralelamente, Freud acentua que o sujeito ama aqueles que são familiares, ou seja, “como ele”, enquanto odeia aqueles que são diferentes dele, referindo-se ao “narcisismo das pequenas diferenças”. Ele trabalha *o narcisismo das pequenas diferenças* em vários textos, dentre os quais escolhemos alguns. Em “O tabu da virgindade”, Freud (1918) usa, pela primeira vez, a expressão “narcisismo das pequenas diferenças”, para se referir ao fato de que, desde os primórdios, se percebeu que havia um receio dos homens em relação às mulheres, o que se relacionaria ao fato de que a mulher desperta a hostilidade dos homens. Ou seja, por seu corpo ser diferente do corpo do homem, ela passou a ser vista como estranha e mesmo como aparentemente hostil.

Podemos dizer, concordando com Betty Fuks (2007, p.61), que para Freud, “o narcisismo das pequenas diferenças está na base da constituição do *eu*, do *nós* e do *outro*, na fronteira que tem por função resgatar o narcisismo da unidade. Quando ele é levado ao extremo, desemboca na segregação e no racismo”.²

Em “O estranho” (1919/1996), Freud aborda a estranheza que sentimos diante daquilo que não é familiar para nós, ou seja, a tendência que temos de considerar o outro em sua diferença como hostil. Em função da dificuldade de aceitar o diferente, o ódio e a violência podem se voltar contra aqueles que possuem traços que não toleramos, mas que na verdade se referem a algo desconhecido do próprio sujeito. Lacan dá continuidade ao estudo dos grupos sociais realizado por Freud em “Psicologia dos grupos e análise do eu”, ao falar da nova ciência que surge após o holocausto. Sabemos que o ódio aos judeus insuflado pelo Nazismo durante a 2ª Guerra mundial, acabou redundando no extermínio de milhões de judeus nos campos de concentração. Alguns cientistas trabalharam não só para aprimorar as técnicas de extermínio, mas também fizeram experiências cruéis com judeus nos campos de concentração.

Isso não aconteceu apenas com os judeus, mas guardadas as devidas diferenças, também os negros foram alvos de experiências ditas “científicas”. Tomando a ciência como verdade e saber absoluto, alguns cientistas mediram os cérebros dos negros. Essas pesquisas desqualificaram os negros, pois elas concluíram que, devido a sua baixa inteligência, eles eram incapazes de viver como cidadãos. Em 1939 a 1945, durante a segunda Guerra Mundial, a ciência que apoiou o holocausto, mais uma vez usando sua prerrogativa de detentora do saber, defendeu os interesses dos poderosos, agora segregando os negros. A esse respeito,

² FUCKS, B. “O pensamento freudiano sobre a intolerância”, na parte que tem como subtítulo ‘Narcisismo das pequenas diferenças e intolerância ao outro’, p. 61.

Lacan (Apud Éric Laurent, 2014) faz equivaler o racismo à segregação e o compara ao sexismo.

Cabe aqui ressaltar a aliança da ciência com os interesses do capitalismo, que é sempre obter um lucro cada vez maior. Em função disso, há na base dessa segregação um interesse outro, para além da universalização do saber pregado pela ciência, que diz respeito justamente ao lucro. O interesse no lucro sempre existiu como pano de fundo movendo as decisões dos mercadores e dos senhores de escravos. Mesmo depois da abolição da escravatura, surgiram experimentos que tentavam provar que os negros eram incapazes e assim mereciam baixos salários. Fica patente que na base do racismo e da segregação, existe o interesse no lucro. Este interesse é evidente na atualidade, quando se produz cada vez mais objetos, quando se propagandeia que precisamos ter o último modelo de celular, pois disso depende o domínio da informação e nossa felicidade

Talvez valha a pena mencionar o que Zygmund Bauman (2008), em *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*, descreve como uma revolução consumista, ou seja, a passagem na atualidade de uma sociedade produtora para uma sociedade de consumidores. Lacan, em sua conferência na universidade de Milão em 12 de maio de 1972 intitulada *Du discours psychanalytique*³, vai apresentar o matema do discurso do capitalista, que é uma modificação do discurso do mestre que ele havia proposto no Seminário 17: o avesso da psicanálise [1992 (1969-1970)], como equivalente ao discurso do inconsciente, conforme ressaltam Mrech e Rahme (2011).

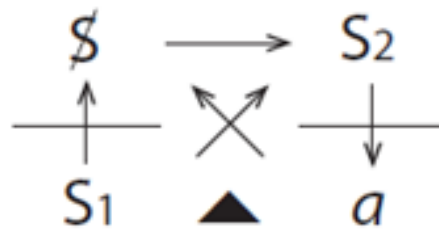
Reproduzimos aqui o matema do discurso do mestre e abaixo o matema do discurso do capitalista:

³Acesso em 12 out. 2018:< [http:// pagesperso-orange.fr/espace.freud/topos/'sycha/psysem/itale.htm](http://pagesperso-orange.fr/espace.freud/topos/'sycha/psysem/itale.htm).>

DISCURSO DO MESTRE

$$\frac{S1}{\$} \rightarrow \frac{S2}{a}$$

Discurso do capitalista



Vejam como Lacan constrói o matema do discurso do capitalista a partir do matema do discurso do mestre: ele mantém o numerador e o denominador do lado direito, e inverte o numerador e o denominador do lado esquerdo. É preciso perceber que, no discurso do capitalista, a seta sai diretamente do objeto *a*, mais-de-gozar, em direção a \$ (sujeito barrado), o que indica que o objeto mercadoria é o que causa o desejo do sujeito. Isso é muito patente hoje em relação aos celulares, e a todos esses objetos da modernidade que Lacan chamou de *gadgets* que a propaganda busca vender, alardeando que eles garantiriam a satisfação do sujeito. Nesse sentido, o sujeito (\$) passa ser um semblante de mestre, pois é o objeto mais-de-gozar que sustenta esse discurso, indicando assim um apagamento do sujeito diante do objeto.

No matema do capitalista, o saber (*S2*) é transformado em mercadoria, passando a valer de acordo com o que pode vender ou fazer comprar. Isso leva Lacan a dizer no Seminário 16 (1968-1969) que estamos vivendo uma nova etapa do mercado: o mercado de saber. É como se não houvesse mais o não saber (sobre o real do gozo) já que o não saber passa a equivaler à falta de informação. Mantém-se assim uma aparente igualmente de acesso aos objetos constantemente criados, numa espécie de roda viva que mascara, mas que, ao mesmo tempo, denuncia a insatisfação do sujeito. Esse gozo não é o suficiente para tamponar a fantasia que está por trás de todo esse jogo, então se consome cada vez mais para obter o gozo esperado, que na verdade jamais será alcançado. Vemos que atualmente se produz cada vez mais e, uma vez que se visa um lucro cada vez maior, é preciso usar um outro, que ganha

baixo salário, não só para realizar essa produção, mas também para consumir esses produtos. Tal proposta do capitalismo evidencia que não há na verdade um interesse pelas lutas sociais. Se o capitalismo se interessa por esses agrupamentos é porque no fundo quer transformá-los em consumidores. Quando a ciência se alia ao capitalismo, ela se reduz à busca de respostas que visam driblar a insatisfação do sujeito, ou seja, ela ajuda a manter a ideia de que tudo é possível, inclusive eliminar o diferente, o estrangeiro.

Todavia, aqueles que podem consumir mais são justamente os que possuem maior poder aquisitivo: os brancos, de classe média alta, enquanto apenas uma pequena parcela da população negra tem alto poder aquisitivo. Esse dado se mistifica e se confunde ao pensarmos de que somente uma pequena parcela de negros tem alto poder aquisitivo. A discriminação estaria também embutida na referência de classes?

Ora, a maioria das pessoas negras vive em condições miseráveis e nas periferias das cidades. O fato de não obter um acesso digno à saúde, de não poder consumir produtos de boa qualidade e a falta de uma escolarização adequada apontam os motivos da dificuldade de inserção do negro no mercado de trabalho, já que essa inserção exige cada vez mais, no mundo moderno, uma qualificação que ele não possui. Isso é um modo de não deixar exercer sua função de cidadão e continuar a mantê-lo à margem da sociedade. Isso faz adoecer. Vemos que grande parte das instituições que dão assistência aos doentes mentais, dentre as quais os CAPS, têm sido sucateadas, exatamente no momento em que conseguiram dar um passo importante no sentido de um tratamento dos problemas mentais que visa reintegrar um grande número de pessoas ao laço social, dentre as quais podemos certamente incluir os negros.

A população negra está sempre à margem dos processos sociais, assim como no plano espacial, isto é, quanto à sua moradia. Em sua maioria, os moradores das favelas são negros. A palavra *favelado* parece ser um novo predicado que denota o racismo, atualmente escamoteado. Segundo Bernardo Carneiro (2017), o termo *favelado* foi criado no âmbito segregacionista da raça negra. *Favelado* acabou virando sinônimo daquele que viola a conduta exigida para se viver em sociedade, que foge aos padrões normalizadores, que representa enfim uma ameaça para a sociedade.

Pouco depois da abolição da escravatura (1888), foi proclamada a república no Brasil (15/11/1889). Deixamos de ser colônia de Portugal e foi instituído o sistema republicano presidencialista, que adotou a democracia como regime político. Isso não implicou, no entanto, que houvesse um planejamento para realocar os negros e os mestiços nas cidades

brasileiras. Sabemos que, desde a abolição da escravatura, os negros e mestiços saíram das senzalas, localizando-se nas regiões mais pobres das cidades brasileiras, geralmente seu centro. A falta de infraestrutura, as condições insalubres em que viviam, e seu baixíssimo poder aquisitivo favoreceram que essa área se tornasse um ambiente violento, pela revolta dos pobres frente ao descaso das autoridades. Na cidade do Rio de Janeiro, capital do país no início do século XX, podemos citar como exemplo a *Revolta da vacina* (1904), diante das campanhas orientadas por Oswaldo Cruz e Pereira Passos.

O que ocorria no centro do Rio? Pereira Passos, prefeito da cidade, recebeu inteiro apoio de Rodrigues Alves, então presidente da República, para iniciar em 1903, seu plano de urbanização do centro do Rio de Janeiro, ou seja, a região habitada pelas pessoas mais pobres, que viviam em cortiços ou em habitações muito precárias, que eram, em função da falta de um saneamento básico, as principais vítimas das epidemias de febre amarela, peste bubônica e varíola. Oswaldo Cruz, médico sanitário, então diretor do Serviço de Saúde Pública, foi encarregado de higienizar essas habitações, e de vacinar toda essa população, já que havia sido decretada uma vacinação obrigatória. Ao lado disso, o plano de urbanização de Pereira Passos deixa ver sua intenção de apagar o passado escravocrata do país, ou seja, de afastar a ideia de um país pobre e atrasado transformando-o num país moderno. Seu plano de reurbanização do Rio concentrou-se justamente no centro da cidade, e incluía a ampliação de ruas, a criação de avenidas e a construção de novas edificações inspiradas na reforma feita em Paris entre 1853 e 1870.⁴

Embora o objetivo dessa campanha de vacinação fosse positivo, ela foi aplicada de forma autoritária e violenta. Em alguns casos, os agentes sanitários invadiam as casas dos pobres e vacinavam as pessoas à força, provocando sua revolta. Essa recusa em ser vacinado decorria do fato que grande parte da população pobre não sabia o que era uma vacina e tinha medo de seus efeitos. Ou seja, o grande erro aqui foi a imposição de uma vacinação compulsória, sem que houvesse antes um esclarecimento à população do que se tratava naquelas medidas. A revolta popular aumentava a cada dia, impulsionada pela crise econômica (desemprego, inflação e alto custo de vida) e pelo fato de que esta reforma urbana

⁴Dentre as modificações operadas por Pereira Passos no centro do Rio, podemos citar: a modernização da zona portuária, a criação de avenidas, tais como: a Avenida Central, hoje Avenida Rio Branco, a Avenida Beira-Mar e a Avenida Maracanã, e construção do Teatro Municipal, do Museu Nacional de Belas Artes e da Biblioteca Nacional.

retirou a população pobre do centro da cidade, derrubando vários cortiços e habitações precárias. Populares destroem bondes, apedrejam prédios públicos e espalham a desordem pela cidade. Em novembro de 1904, Rodrigues Alves revoga a lei da vacinação obrigatória, colocando nas ruas o exército para acabar com os tumultos.

Foi nessa época que muitas favelas surgiram, pois com a destruição dos cortiços no centro da cidade, só restou aos mais pobres buscarem a periferia da cidade ou se alojarem nas áreas de difícil edificação, o que acabou dando origem às favelas – os morros, como muitas vezes se diz hoje em dia, locais onde até hoje persiste a falta de saneamento básico. Hoje as favelas passaram a ser chamadas de *comunidades*, numa tentativa de afastar o preconceito dos nomes indicativos do caos da pobreza, por outro mais respeitoso e reconhecedor da cidadania das pessoas que ali habitam.

Por outro lado, o que essa população produz dentro das comunidades, principalmente no que concerne à música: o samba e o *funk* – que eram inicialmente proibidos ou desvalorizados, tratados como *coisa de malandro* – passaram com o tempo a ganhar espaço no mercado, pois acabaram sendo consumidos pelas pessoas que não habitavam a favela. Ou seja, o que é produzido nas comunidades é democratizado e consumido, mas nem todos aqueles que ali habitam têm acesso ao que é consumido fora das comunidades.

A intensa propaganda usada pelo capitalismo para que as pessoas consumam cada vez mais, vai de encontro ao desejo das pessoas, provocando um conflito, já que muitas vezes, sua condição financeira não lhes permite ter acesso aos objetos de desejados. O aumento dos furtos e roubos feitos por essa população de baixa renda denuncia não só a violência do furto, mas aquela que viola o direito de obter algo. Em “O mal-estar na civilização” (1930/1996), Freud apontou que esse ato é uma transgressão porque o sujeito se vê no direito de tomar aquilo que deseja, como se fosse o que lhe é devido, já que não pode obtê-lo por outra via.

Podemos então afirmar que a vinda dos negros escravizados para o Brasil deixou sequelas sociais que afetam seus descendentes até hoje. O simples ato de naturalizar a posição do negro no âmbito de trabalho que exige servidão ao Outro é um exemplo disso. Esse percurso é consequência dos interesses de um sistema político e econômico que continua mantendo os privilégios econômicos em sua maior parte em poder de descendentes dos colonizadores.

O silêncio, o não dito é uma característica do racismo brasileiro – é um crime perfeito (...) o racismo brasileiro é difuso, sutil, evasivo, camuflado, silenciado em sua expressão e manifestações, porém eficiente em seus objetivos, e algumas pessoas talvez suponham que seja mais sofisticado e inteligente do que o de outros povos. (MUNANGA, 2017, p.40-41)

Kabengele Munanga (2017) descreve uma peculiaridade do racismo existente no Brasil, comparando-o ao racismo que existe em outros países da América e da Europa. No Brasil, há uma negação da existência do racismo, o que dificulta as lutas contra a discriminação, pois a negação anula aquilo que existe. Isso difere do que aconteceu após o holocausto, quando os nazistas foram julgados por seus crimes e tiveram que assumir a responsabilidade pelo extermínio de milhões de judeus. Quando o reconhecimento do crime passa pela lei e é oficializado comprova-se sua existência. No Brasil, o racismo demorou muito a ser institucionalizado. Assim, frente à inexistência de leis antissegregacionistas ou mesmo de sua efetiva aplicação, os brasileiros não se consideravam racistas. Só mais recentemente foram estabelecidas leis contra manifestações de racismo que ainda assim são muito precariamente observadas. Sendo assim:

Uma das heranças da escravidão foi o racismo científico do século XIX, que dotou de suposta cientificidade a divisão da humanidade em raças e estabeleceu hierarquia entre elas, conferindo-lhes estatuto de superioridade ou inferioridade naturais. Dessas ideias decorreram e se reproduzem as conhecidas desigualdades sociais que vêm sendo amplamente divulgadas nos últimos anos no Brasil.(CARNEIRO, S., 2011, P.16).

Os grupos dos movimentos negros começam a surgir e ganhar força no governo Lula (2003), com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Enquanto nos Estados Unidos da América esse movimento estava sempre borbulhando,- dentre eles o Apartheid, tendo à frente vários líderes importantes, como por exemplo Martin Luther King-, no Brasil, por não ter havido esse reconhecimento oficial de segregação racial, os movimentos demoraram muito para fazer uma frente social. Uma das primeiras tentativas de se fazer reconhecer que havia necessidade de ter frentes movimentistas sobre a condição racial foi com a cantora Elis Regina, que ao visitar o EUA percebe o quanto estavam à frente pelo reconhecimento social, e com isso ela lança a música: “*Black is beautiful*”. A cantora foi muito criticada por levantar a bandeira antirracismo, não sendo negra, por outro lado, serviu para mostrar o quanto estávamos atrasados nos ideais políticos e levantou a questão do racismo que é camuflada. Outro ponto que alavancou o início dos movimentos foram as feministas, que reivindicavam valores e direitos políticos iguais aos dos homens. Esse movimento era misto de mulheres brancas e negras, mas após adquirirem os ideais almejados as mulheres negras perceberam que somente as mulheres brancas conseguiriam gozar dos direitos enquanto elas em sua categoria de mulher negra não teria direitos, pois antes mesmo de serem mulheres eram negras, e os negros não obtinham privilégios. Após esse ato viram-se sozinhas dentro dessa luta e tiveram a

necessidade de formar o feminismo negro, já que antes mesmo de lutarem pelos seus direitos de ser mulher teriam que lutar pelos seus direitos de serem seres humanos. Diferente da posição do feminismo das mulheres brancas, as mulheres negras têm uma luta pela coletividade e interseccionalidade. E o que seria a interseccionalidade? Carla Akotirene trata esse termo dentro de uma lógica:

Notemos que mulheres negras, na condição de Outro, propuseram ação, pensamento e sensibilidade interpretativa contra a ordem patriarcal racista, capitalista, sem nenhuma convivência subjetiva com a dominação masculina. As mulheres negras escolheram lutar pelo sufrágio e pela abolição, defenderam os homens negros e as companheiras brancas, reconhecendo, quer seja descrito, quer seja analítico, isolado, de outras categorias de análise, o marcador de gênero explica as violências sofridas por mulheres brancas, bem como a categoria raça explica o racismo imposto aos homens negros. A interseccionalidade nos mostra mulheres negras posicionadas em avenidas longe da cisgeneridade branca heteropatriarcal. São mulheres de cor, lésbicas, terceiro mundistas, interceptadas pelos trânsitos das diferenciações, sempre dispostos a excluir identidades e subjetividades complexificadas, desde a colonização até a colonialidade(...).

(AKOTIRENE, C., 2018, p.25 e 26).

É nessa perspectiva de romper com os aspectos segregacionistas de vários âmbitos que o movimento negro começa a se firmar no Brasil. Há o movimento feminista negro, mas assim como este, todos os movimentos negros englobam os direitos de todos e não apenas uma singularidade. Os guetos começam a se formar para fazer frentes políticas, e nesse tempo de 20 anos atrás que foi ocupado pelo movimento político petista, os negros almejavam vitórias das cotas em concursos públicos, além das Universidades públicas e conseguiram inserir injúrias e preconceitos raciais como crime inafiançável. Com os movimentos os negros têm ganhado espaço e visibilidade social, às vezes de modo rompante e agressivo por este assunto está adormecido por muito tempo e retoma no real de forma violenta, assim também como muitos outros movimentos que se iniciaram e eram calados. Na pós-modernidade, que vivemos hoje, estamos vivendo uma política de retrocesso, e muitos movimentos estão se sentindo acuados com o que pode vir pela frente com algumas das medidas que estão sendo tomadas em relação a minoria dos grupos e das classes sociais.

2 SEGREGAÇÃO, VIOLÊNCIA E FEMININO

“Quem cede a vez não quer vitória, somos herança da memória, temos a cor da noite, filhos de todo açoite, fato real da nossa história. Se o preto de alma branca pra você, é o exemplo de dignidade, não nos ajuda, só nos faz sofrer, nem resgata nossa história”.

(Identidade/Jorge Aragão)

A segregação racial teve a sua consolidação com o advento científico. Um marco histórico que contribuiu para a disseminação da discriminação no mundo foi o holocausto que ocorreu na segunda guerra mundial (1939-1945); a ciência contribuiu para que se realizassem centenas de experiências com seres humanos que consideravam povos de menos valia deixando traumas e consequências imensuráveis. A partir dessas novas experiências a ciência começou a trabalhar com um rigor científico que priorizava a epistemologia, ou seja, o estudo do conhecimento absoluto, a busca de um objeto que fosse tomado como verdade absoluta. O objeto de estudo eleito pelos cientistas foi o homem. Com isso, a ciência em seu aspecto mais contemporâneo, se debruça sobre as operações físicas e matemáticas para validar a sua verdade sobre o homem que passa a ser; mensurado, calculado e reduzido a fórmulas e combinações significantes da ciência exata. Em outras palavras, a nova ciência chega no intuito de mapear o circuito significativo do sujeito com uma precisão totalitária.

Essa mensuração ao mesmo tempo em que reafirma valores culturais de um determinado grupo, desvaloriza valores de outros, fazendo com que tais características fiquem de fora daquilo que é dito como verdade absoluta. Os negros, por sua história escravocrata e passiva numa relação de poder, ficam a margem dessa linha científica e nisso a sua cultura passa a ser segregada formalmente, pois não é condensada na universalização que a ciência sustenta como verdade. O que fazer com aquilo que não faz parte dessa cadeia significativa elucidada e traçada pelos experimentos científicos? O que fazer com o saber singular do sujeito que foge aos controles objetivos da ciência?

Enquanto a ciência estuda o que está no plano da consciência, a psicanálise propõe, em sua práxis, trabalhar o que está fora desse campo, ou seja, os restos do sujeito que foram segregados pela ciência e que estão na esfera inconsciente. Quando aquilo que foi segregado retorna ao meio social há uma denúncia do fracasso dessa universalização através de mecanismos inconscientes como os lapsos e chistes, por exemplo, que advém de uma fala sem precedentes do saber e que tem reverberado no próprio coletivo.

Esses lapsos são gritantes em coletivos que abrigam comunidades negras e respingam em outros contingentes sociais que são privilegiados. A organização social sofreu significativamente a partir da universalização científica, e daí, ver-se que o homem da ciência na realidade é dividido, não há como suturá-lo e condensá-lo numa verdade absoluta que dá conta de tudo que há no sujeito. Quando esse homem inteiro e absoluto se desmitifica, percebe-se que a ciência não é soberana do saber, pois há algo que é descartado, e o que fica de fora é uma parte do sujeito que lhe é muito particular e único.

A ciência não trabalha com a divisão do sujeito, no entanto percebemos que é esse sujeito bifurcado que chega à análise. Um sujeito que está, portanto, interrogando a ciência a partir do seu próprio corpo na medida em que este não responde às perspectivas da ciência, sobretudo aquela que está no viés da medicina. Exemplo disso são as históricas que até hoje atuam com maestria questionando as tecnologias de ponta, podemos dizer que há um engodo entre a relação do médico da ciência e o sujeito; entre a demanda e o desejo. Lacan chamará esse ponto de falha de sistema somático: o gozo, pois parte-se do princípio que esse corpo foi feito para gozar e é isso que a histeria denuncia. Se o corpo é feito para gozar e o discurso da ciência afeta esse corpo, como a psicanálise se insere no discurso da ciência para desmembrar esse corpo unívoco?

Lacan aponta no texto “alocução sobre as psicoses da criança” (2003/[1967]), que o progresso da ciência na tentativa de universalizar subverteu uma organização social que havia até então, promovendo o nascimento de uma nova ordem social, na qual algumas nuances ficaram de fora. A psicanálise em sua clínica trabalha com os elementos que ficaram de fora desse sujeito constituído pela ciência; trabalhamos no seu avesso. Lacan nomeia esse resto que ficou de fora da universalização de segregação, pois dissocia o sujeito do seu saber, de sua cultura e com isso afeta aspectos como: raça, descendência, nacionalidade, religiosidade, dentre outros, corrompendo aquilo que há de mais singular do sujeito feito pela colagem inédita desses múltiplos aspectos.

Freud, por sua vez nos dá pista dessa segregação em sua abordagem sobre o mal-estar da sociedade, onde o sujeito transparece no meio social pelas suas mazelas, que está diretamente ligado ao seu gozo. Essas mazelas que são despejadas no social vão numa direção agressiva, nos permitindo colocar a violência nesse mesmo patamar da agressividade. Isso nos permite crer que o sujeito está demarcando um gozo e ao mesmo tempo se havendo com seu objeto perdido.

Retomando à Lacan, nota-se que ela se interroga e nos interroga sobre a questão do racismo em “Televisão” (1973): “De onde vem, aliás, a segurança de profetizar a escalada do racismo? E porque, diabos, dizê-lo?” Quando há essa interrogação da declaração da ciência sobre o racismo, Lacan nos fala que há ali uma falha da ciência e nem ela mesma conseguiu cumprir o protocolo de condensar todo o conhecimento do homem, pois há algo que fica de fora, e que não conseguiu dar conta. A questão que ainda retorna é como o racismo destitui o negro de seu lugar? E por que isso se configura como uma violência?

Jurandir Freire ilustra o racismo vinculado a violência da seguinte forma:

(...) a violência racista do branco exerce-se, antes de mais nada, pela impetuosa tendência a destruir a identidade do sujeito do negro. Este através de internalização compulsório e brutal de um Ideal de ego branco, é obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível com as propriedades biológicas do seu corpo. Entre o ego e seu ideal, cria-se, então um fosso que o sujeito negro, tenta transpor, às custas de suas possibilidades de felicidade, quando não de seu equilíbrio psíquico (FREIRE, J, 1983, p2. Prefácio in: SANTOS, N. 1983.).

Lacan (*Apud* Castro, S. 1997, p.15) nos aponta uma reflexão sobre a violência do racismo a partir da articulação entre o gozo e o Outro. Para ele “no descaminho (ou extravio) de nosso gozo só há o Outro para situá-lo, mas é na medida em que dele estamos separados”. A violência sempre vai estar voltada para um alvo, para um alguém. No racismo a violência ocorre em uma via dupla. Uma via é o ódio sobre alguém que lhe é diferente em sua cor da pele, outra via é o ódio que vem da própria pessoa que sofre o racismo, seja em devolver todo o ódio que recebe para o Outro, seja sentindo o ódio por si próprio, se condenando e se violentando com esse gozo que fica preso em si mesmo.

A todo custo tentam sutilmente ejetar o negro na cultura do Outro e extinguir a sua, através dos preâmbulos cientificistas que, ao querer universalizar, acabam formando dois blocos sociais: desenvolvidos e subdesenvolvidos. Os subdesenvolvidos são aqueles que não renunciaram ao seu modo de gozar, não estão a mercê desse Outro capitalista. Com relação aos subdesenvolvidos só resta extirpar, segregar até que consiga aceitar esse Outro como mestre e se render ao mercado capitalista. De qualquer forma há um preço que se paga pela forma de gozar.

Quando o negro tem o branco como esse Outro, ao invés de ter esse Outro constituído pela sua alteridade negra, temos a impressão de que o gozo que o faz se movimentar para a via de encontro de um desejo é muito precário. Quando há uma reorganização e resgate de sua cultura, um Outro negro representativo para situá-lo novamente há um deslocamento de gozo que vai de encontro a um desejo legítimo. Quando o desejo do negro fica acoplado ao

desejo do branco ele dica engessado, alguns conseguindo utilizar a fantasia; tentando se aproximar de características e comportamento branco, e outros numa via mais complexa, fazendo uso do delírio acreditando piamente que é branco e negando sua cultura negra. Esse gozo que é direcionado para aparência do sujeito é articulado pela ciência e capital.

Laurent, no texto “Racismo 2.0” diz que o racismo está atrelado a um complexo inconsciente que ao mesmo tempo que fala de um horror também fala de um fascínio, pois há um gozo intrínseco em arrasar outra raça em detrimento de exaltar a que ele pertence. Esse modo de gozo; de uma cultura ter que se mostrar superior a outra faz parte da lógica de mercado. Por mais que haja a nova ordem globalizada, a contemporaneidade não está a alcance de todos os povos e a cultura negra está sempre a um passo atrás para conquistar esse novo mercado. Há empecilhos que impedem o acesso a novas tecnologias de ponta, e quando tem acesso a alguma tecnologia já está obsoleta. O que impede esse acesso é o poder econômico baixo dos povos negros que habitam em comunidades. O racismo acompanha a contemporaneidade, pois hoje acontece de forma camuflada; os negros podem circular normalmente nas ruas, desde que não tenham acesso as modernidades tecnológicas, e conseqüentemente as informações que os auxiliariam para retirar o véu que os impedem prosperar nesse sentido.

Em contrapartida há grupos mais jovens de negros em comunidades que vem se engajando em buscar suas raízes e acerca disso produzem materiais artísticos maravilhosos que representa a sua cultura, mas que de alguma forma não ganham reconhecimento quando desce aos ‘asfaltos”. Assim como o samba já foi marginalizado e seus seguidores, sambistas, considerados baderneiros, os raps que são produzidos pelos funkeiros nas favelas ainda são marginalizados por conta das letras que retratam o horror da violência entre facções e a sexualidade exacerbada. O funk demorou a ser aceito socialmente e isso só acontece quando as letras dos raps fazem mais referências aos sentimentos e afetos, quando o real da violência e da sexualidade é retratado ele não é aceito.

Quando essas letras de músicas são replicadas nos ambientes sociais que as crianças e adolescentes frequentam fora das comunidades causa um desconforto aos outros que não estão inseridos em sua linguagem, assim também, são interpretados sua fama de crianças “faveladas”, sem modos, sem cultura, já que a única cultura que é aceita é a arte erudita. Assim, são rotuladas e alvejadas por preconceitos. Questiono se seria somente essa escuta que poderíamos ter das pessoas negras que vivem à margem da sociedade? Por que as questões que estão fora deste discurso não aparecem? Não há uma outra escuta?

O que esses jovens nos apontam é que a ciência não dá conta de trabalhar a violência que se produz contra eles e à qual eles reagem com mais violência. Essa força e sua reação escapam das perspectivas médicas e não se encontra tratamento para isso nos manuais de diagnóstico. Esse processo de violência vem causando cada vez mais um mal-estar social que por não ser tratada pela ciência, só resta ao Estado conter e represar essa violência. A ciência, por mais que seja contemporânea, ainda utiliza os sintomas para enquadrar o sujeito num tratamento que escapa à particularidade dos casos. Nesses episódios, não são incluídos os sintomas agressivos dos negros contra a violência do racismo que recai especificamente sobre eles.

Freud em *Totem e tabu* propõe uma concepção sobre a origem da lei incorporada pelos agrupamentos humanos. Ele aborda o tema a partir do mito do pai severo da horda primitiva, o único que podia gozar plenamente de todas as mulheres, obtendo para si o poder de decidir quem vive e quem morre, enquanto aos filhos todo poder era revogado. Os filhos da horda também desejam gozar do sexo da mesma forma que o pai. Mas para aceder a este direito foi preciso se unir e cometerem um parricídio. Desse ato adveio uma dualidade de sentimentos: por um lado de ódio ao pai por somente ele poder gozar das mulheres; por outro lado, de amor por ser este o soberano admirado por todos. Um impasse também se coloca diante do parricídio: nenhum dos filhos poderia ocupar o lugar do soberano que detinha todo o poder como um Totem. O Totem passa a ser relacionado ao Pai morto e entre os irmãos vivos um pacto se estabelece situando a mulher do Outro como um tabu. O acesso às mulheres passa a ser legislado por um sistema de trocas entre grupos, clãs, famílias que respeitam o tabu do incesto. O que esse pai mítico faria, na realidade, seria impedir o acesso livre e sem limites de gozo que incidiria sobre eles próprios de forma destrutiva. O pacto também cumpre essa função limitando o acesso ao gozo. Através desse mito Freud nos dá notícias de que o ato de ter um sujeito sob domínio do Outro funda o contrato social.

Os contratos podem ser mais tirânicos e cruéis, como foram os regimes escravagistas, ou mais sensíveis aos direitos inalienáveis dos cidadãos em regimes mais democráticos. No Brasil a escravidão deixou marcas silenciosas submetidas a um discurso maquiado por uma pretensa miscigenação cordial. O fato é que a população de baixa renda e que vive em condições precárias é majoritariamente negra. Os efeitos disso podem ser vistos nas comunidades encarceradas, na lentidão dos processos jurídicos relativos aos condenados pobres e negros, nos atendimentos de saúde e educação, ou seja, em todos os segmentos nos quais o Estado deve atuar em prol do bem estar social.

Após todos esses aspectos que engloba as questões sociais e de violência diretamente ligada ao povo negro, herança escravocrata, passamos agora aos comentários escolhidos de minha prática que ilustram a questão desta dissertação “Sobre segregação, violência e feminino: uma prática clínica orientada pela psicanálise com crianças e adolescentes negras, em instituições.

2.1 Caso P: Qual caminho seguir?

“Malandro! Eu ando querendo falar com você. Você está sabendo que o zeca morreu por causa de brigas que teve com a lei. Malandro! Eu sei que você nem se liga pro fato, de ser capoeira, moleque mulato, perdido no mundo, morrendo de amor”
(Malandro/ Jorge Aragão)

O caso de P. que apresentarei a seguir, aborda um jovem que se inscreve entre os adolescentes que frequentavam o espaço de convivência Casa da Árvore desde a sua infância. Esse espaço é reservado para a primeira infância e funciona há 10 anos no bairro Ilha da Conceição em Niterói. Há alguns anos, essa ONG vem enfrentando um grande desafio para lidar com seus antigos frequentadores que deixaram de ser o público alvo do espaço.

As crianças que frequentavam este espaço, desde a sua infância, são hoje adolescentes e têm demonstrado muita resistência em deixar de frequentar o local. Resistência que se expressa em atuações de violência física e verbal dentro da Casa da Árvore.

No caso que apresentarei situo a manifestação dessa violência no nível da agressividade discutida por Lacan em seu escrito “A agressividade em psicanálise” ([1966]/1998). Segundo Lacan “A agressividade é a tendência correlativa a um modo de identificação a que chamamos de narcisismo, e que determina a estrutura formal do eu do homem e do registro de entidades característicos de seu mundo” (LACAN, [1966]/1998, p. 112).

A violência apresentada por esses adolescentes tem afastado muitas crianças da primeira infância do convívio na casa, uma vez que seus pais não permitem que seus filhos convivam com “esse tipo de gente!”. A frase anterior foi citada por uma mãe, ao ser questionada sobre a ausência de seu filho na casa. O afeto que se enunciou na frase expressa bem a sua repulsa em relação a esses adolescentes e aparece na fala de outros moradores que expressam claramente, na casa, sua visão de que esses adolescentes “não têm mais jeito”.

Fica evidente que eles não são bem-vindos em nenhum local do bairro em função de quase sempre andarem em bandos, manifestando atitudes agressivas e intimidadoras, que acabam afastando as pessoas ao seu redor.

O trabalho com esses adolescentes é de fato um desafio para nós que os acompanhamos desde crianças. Como auxiliá-los para que eles possam passar da infância para a adolescência e encontrar uma saída para a vida que não seja o aliciamento para o tráfico de drogas? Nesse momento, nós ainda não tínhamos uma resposta clara, mas apostamos que elas poderão advir dos próprios adolescentes, construída no dia-a-dia do nosso trabalho, implicando certamente um grande investimento de desejo daqueles que ali trabalhavam como psicólogos atravessados por uma escuta psicanalítica.

Percebemos que em certos momentos, esses adolescentes jogavam os brinquedos para cima e, em seguida, começavam a se agredir. Parecia que eles chamavam a atenção do Outro, mostrando o quanto está sendo difícil deixarem de ser crianças. Talvez para sair desse lugar, que antes os acolheu, eles tinham que destruí-lo. Após essas cenas de brigas e destrutividade, ele por vezes, se acalmavam quando os responsáveis pelo plantão na casa colocavam limites, o que era legítimo de nossa parte. Sabemos que na adolescência, atos de destruição atingem, em geral, algo da infância e se dirigem aos adultos, ou seja, àqueles que sustentem o Nome-do-pai. Não por acaso muitos brinquedos nos atingiram. O analista emprestava seu corpo durante esses *acting outs* e se tornava o objeto que permitia algum esvaziamento da pulsão. Mas cabia interpretar essa pulsão por vezes ao se colocar os limites se podia apontar que aquela destruição era uma demanda por algo novo, mas que isso não viria pela destruição, mas por uma construção nova do que eles eram e do que gostavam agora que eram maiores de fazer.

Um ponto importante que nos chamava atenção eram as referências às facções do tráfico que eles faziam, por mais que elas não tivessem nenhuma vinculação com essas organizações criminosas. Pensamos que nosso trabalho com eles, diante desses *acting outs*, era uma forma de elaborar outra saída que não fosse a entrada para o crime, pois em suas falas também revelavam o horror que há diante de tanta violência nas guerras das facções.

Eles andavam em bando como uma forma de proteção e resistência, mas entendemos que esta união, por mais que seja a partir de algo que tenham em comum, acolhia a particularidade de cada um com seu sintoma. Ilustrarei aqui um caso específico de um adolescente atendido nessa instituição. Inicio esse caso apoiada na fala de Lacan sobre

agressividade: “a agressividade se manifesta numa experiência que é subjetiva por sua própria constituição” (1998, p.105).

P. tinha 14 anos. Seus pais se separaram e ele vivia com a mãe e um tio. Seu tio, quando fazia uso excessivo de drogas, ficava violento e agredia o menino. P. contou essa violência a que sofria para sua mãe, mas ela não tomou nenhuma atitude. Ele dizia que quando sua mãe presenciava a violência, chegava a achar graça da situação. Acrescentou que ele se defendia do tio como podia, que reagia também com socos e pontapés. Sobre o seu pai, falava que era um pouco ausente, mas acentuava que ele sempre aparecia em casos de muita necessidade. Como exemplo, relatou a ida do pai à escola, ao saber que ele havia brigado com um colega. Com o tempo, P. percebeu que através desse ato agressivo poderia ter seu pai por perto, e seu tio por sua vez, não o agredia quando o seu pai estava nas redondezas, por ora, uma forma de afastar a violência que sofria debaixo do seu teto, era manter a violência que praticava fora de casa, no ambiente escolar. A violência que por um lado lhe arrebatava por outro lado lhe amparava, era seu escudo defesa. E a partir daí P. foi ganhando fama por seus atos não só na escola, mas também no bairro que convive, ganhando olhares temerosos de moradores e olhares gananciosos do tráfico, pois era cotado para ser um soldado na facção. De alguma forma essa posição em que o P. assumia lhe ofertava um poder sobre o Outro, principalmente em seu bando, e isso dava brechas para P. trabalhar algumas questões que ele colocava em xeque na casa da árvore. Uma dessas questões era a sua negritude!

O apelido deste adolescente era “Pepeto”. Pepeto não tinha nenhuma relação com seu nome, mas era um significante importante, como um Nome-do-Pai pois seu pai lhe dera este apelido quando ele era bebê. É um apelido que aponta à cor negra da sua pele. Pepeto! Pepeto, Peto! Que muitas das vezes se pronunciava: ser preto!

Aqui é importante enfatizar que, frequentemente, em seus momentos de violência, P. armava a seguinte cena: ele colocava um menino branco numa posição de subordinação: ajoelhado ou de quatro, o menino branco devia obedecer às suas ordens. Nessa brincadeira P. falava: “agora, você é que é o meu escravo, e eu sou o seu senhor! O jogo virou agora! Agora chegou nossa vez de mandar!

Cabe lembrar que, certa vez, quando eu, P., e dois adolescentes brancos estávamos jogando um jogo de cartas, chamado UNO, P. ganhou a primeira partida e eu ganhei a segunda. Extremamente feliz, ele disse: “isso mesmo tia! Mostra pra eles que nós somos os melhores!”, passando a mão em sua pele e fazendo referência ao que temos em comum: nossa cor negra! Não apenas nesse jogo, mas em qualquer outra atividade, P. sempre queria

ganhar. Ele queria ser o melhor em tudo e não aceitava errar. Gastava sempre muita energia em qualquer atividade, tentando demonstrar a sua capacidade!

Notamos nesse caso que a agressividade foi a forma que *P.* encontrou para trazer sua revolta diante da posição de submissão que o negro tem na esfera social. A agressividade era a expressão do seu sofrimento em ato. E apenas depois dele pode falar dessa questão em forma de *acting out*, foi que essa energia apontada para violência foi diminuindo. Quanto a isso Lacan nos diz que “A agressividade, na experiência, nos é dado como intenção de agressão e como imagem de desmembramento corporal, e é nessas modalidades que se demonstra eficiente.” (LACAN, [1966]/1998, p.106).

A violência contida nessas cenas agressivas é uma forma de mostrar domínio sobre o outro e sobrepôr o seu poder. Por outro lado, vê-se também a violência como uma forma de escamotear os próprios fantasmas, que lhe ameaçam de alguma forma de vir a ser atacado. Assim, antes de ser atacado, ele atacava movido por um mecanismo de defesa contra algo que nem ao certo sabe o que é.

Com o tempo, percebi que havia um trabalho de transferência que funcionava propriamente comigo, o momento, era a única psicóloga negra da Ong. Acredito que a partir dessa transferência mediando essa energia agressiva e ao mesmo tempo valorizando esse lugar de liderança e potência que ele possuía, pude apresentar alguns fatos históricos do negro, que não fosse só a escravidão e inferioridade, mas de reis e lideranças que também temos. *P.* foi se distanciando do bando, ou daquilo que era voltado para violência e se concentrou mais nas atividades escolares, pôde sair da casa da árvore de outra forma, entendendo que havia crescido e que também havia outras possibilidades de se alcançar algum cargo que ele considerava de poder, sem ser através do tráfico de drogas. Passados alguns anos, uma mãe retorna a casa da árvore dando notícias desse passado dos meninos, em especial o seu filho que entrou para o tráfico e foi baleado pela polícia, essa mãe em total desespero e se questionando sobre o seu papel de mãe, se havia falhado na educação de seu filho, pediu auxílio da ong para que pudessemos trabalhar com o filho dela e afastá-lo dessa vida, lembrou de como a casa de alguma forma o acolhia quando era criança. Talvez o filho dessa senhora não tenha dito o seu tempo lógico para trabalhar suas questões subjetivas que o levaram ao tráfico, tempo este, que muitas das vezes não acompanham o tempo cronológico da sua infância, tempo da primeira infância ao qual a Ong trabalha para funcionar burocraticamente e não temos aparatos suficientes para dar continuidade a um trabalho que vá além da idade cronológica e alcance a adolescência. Diante desta mãe, percebi o quanto

esses adolescentes são vulneráveis àquilo que o tráfico oferece e eles aceitam com facilidade por não encontrar um Outro diante da lei que o ampare em suas sensibilidades, da falta de investimento do governo em auxiliar e direcionar esses jovens em suas potencialidades. Mediante a escuta de angústia dessa mãe, num determinado momento essa senhora mencionou P. em seu discurso, recordando o quanto todos tinham medo de P. e hoje em dia, diferentemente do seu filho, é outro rapaz, respeitoso com todos mesmo tendo perdido a mãe recentemente de forma repentina, e tendo que ir viver com a sua avó, não mudou o curso de sua vida e se mantém longe do tráfico de drogas. Diferentemente do seu colega que pertencia ao bando e seguiu o tráfico, nos questionamos o mínimo que podemos alcançar desses meninos, o tempo que não pudemos trabalhar com todos nessa escuta potente. A notícia de P. nos faz pensar sobre a importância da escuta das questões subjetivas de cada membro de um grupo que tem em comum a violência, a questão de P. era diretamente ligada a cor da pele e de alguma forma ele teve a oportunidade de trabalhar minimamente essa questão, que irá retornar sempre em sua vida. Hoje em dia, ando pelos bairros da Ilha da Conceição e esbarro com P.; uniformizado, sempre com um sorriso no rosto, acenando um sinal de positivo na mão dizendo: E aí tia?! Você está na CDA ainda né? Essa frase me leva a crer na positividade de um trabalho da escuta e na continuidade desse trabalho para todos os outros que vem e ainda está por vir.

2.2 Caso W: O amor se mede pela cor?

“Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho, mas eu vim de lá pequenininho, alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho, alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho”.
(Alguém me avisou / Ivone Lara)

O caso que será descrito abaixo trata de um atendimento que teve a duração de três anos na Fundação Amélia Dias. O paciente desse caso será descrito aqui como W.

W era um menino negro retinto de sete anos de idade. Chegou à instituição através de um encaminhamento da escola, que mencionava seu comportamento agressivo dirigido a colegas e professores. Sua agressividade aparecia também, em casa, mas era expressa de modo diferente: em casa sua agressividade era apenas verbal, enquanto, que na escola, ela era expressa também por ataques físico aos colegas.

Já na primeira entrevista com os responsáveis por esse menino, pude perceber traços que denunciavam a fragilidade da família da qual era fruto. Os avós paternos da criança se apresentaram na entrevista, autorizando-se a esclarecerem o histórico de vida de W., já que esses possuíam a guarda do menino.

W. não era cuidado pelos pais. Os avós relataram inicialmente que W é filho de um ex-policial e uma mulher usuária de drogas. Era fruto de uma relação muito conturbada que envolvia drogadição e violência, tanto do pai como da mãe. Numa tentativa de tratar seu vício, o pai do menino pediu ajuda aos pais e foi internado numa clínica de recuperação. Ele renunciou ao seu emprego como policial militar, mas recebeu auxílio dessa corporação para se livrar do “vício”. A mãe do menino por sua vez recusou tratamento, abandonando W aos 01 anos de idade na casa dos avós paternos, que acabaram assumindo a guarda da criança. Desde então W é cuidado pelos avós tendo com eles um vínculo muito forte.

Após dois anos de convivência, os avós de W descobriram, através de um teste de DNA, que o menino não era filho do filho deles, o ex-policial. Ou seja, o menino não tinha nenhum tipo de vínculo sanguíneo com essa família. O ex-policial sentindo-se traído e enganado pela mãe de W, optou por não tutelar a criança, mas os avós, já marcados pelo afeto que tinham pela criança decidiram cuidar e criar o menino. Um pacto de silêncio sobre o resultado do teste de DNA foi estabelecido entre o ex-policial e seus pais. Esse pacto começou a dar sinais de fragilidades quando W passa a questionar sua relação com o pai. Ao fazer comparação física com o seu pai, W. não encontrou outra característica em comum entre eles, a não ser a cor da pele.

Esse ponto de igualdade entre eles, a cor negra da pele de ambos, ajudava W. a denegar aquilo que ele não queria saber. W fazia tudo para agradar o pai. Queria sentir que ele o amava. Esta frase recorrente se destaca dos seus ditos durante o atendimento: “quero ser forte, quero ser policial como o meu pai”. W. queria se destacar em todos os jogos, tentava ser bom em tudo o que fazia, tentava não ter baixo rendimento na escola, embora apresentasse problemas de comportamento. Ele não entendia a falta de tato e de paciência do pai em relação a ele, não entendia por que não morava com ele, mas sim com os avós. Essa força de seu pai que ele tentava imitar foi se transformando em algo cada vez mais desmedido. A energia que circulava em seu corpo extravasava frequentemente durante o recreio da escola, nas brigas com seus colegas.

A violência de W aumentou quando a sua mãe reapareceu, após quatro anos sem dar notícias, grávida de outro relacionamento. A mãe de W é branca e a irmãzinha nasceu branca

com olhos verdes. Aqui é preciso esclarecer que W tinha cinco irmãos, que foram criados por outras pessoas de família ou por casais amigos. W não conhecia esses irmãos. Essa irmãzinha foi a primeira que a mãe assumiu. Ele passou a se perguntar o que a menina tinha para ser a única a receber amor e cuidado da mãe. Naquele momento, a coisa mais visível para W foi a diferença entre a cor de sua pele e da irmã: ele, um negro retinto, a irmã branca de olhos verdes.

Se por um lado, sua negritude era o elo comum entre ele e seu pai, por outro lado, era essa mesma negritude o que explicava que ele não fosse amado por sua mãe. A cor da pele branca passou a ser a medida do amor materno. Após o nascimento de sua irmã, um sintoma de W. se intensificou, enquanto outro surgiu: sua agressividade aumentou e ele passou a se interessar cada vez mais por roupas de marcas. O surgimento repentino desse desejo de ter roupas de marcas acabou se transformando numa exigência de que seus avós as comprassem para ele. Que marca era essa que ele exigia dos avós? Em psicanálise a marca decorre do primeiro trauma; é o primeiro traço mnêmico que dá contorno à falta de um objeto que nos complete. Ou seja, além do fascínio capitalista das roupas de marca que dão aos jovens que as usam um lugar de destaque e admiração nos grupos dos colegas, W exigia dos avós a sua primeira marca, a história da sua vida que estava abafada e se concentrava na cor da sua pele, local do corpo em que seu sintoma se fixou. A roupa cobria seu corpo, sua pele; W queria algo de marca, queria ser algo de valor para o Outro, algo pelo qual ele pudesse ser amado.

Paralelamente a isso, as brincadeiras nas sessões passaram a girar em torno do preto ou do branco. Ele sempre se questionava qual era a melhor cor. Após o nascimento da sua irmã. W. passa a negar sua negritude, começa a se intitular de moreno! Numa sessão que girava em torno da questão: “qual a melhor cor, preto ou branco?” Ele me olha, coloca seu braço paralelamente ao meu, e diz; “somos da mesma cor!” Então eu pergunto: qual é a sua cor? Prontamente ele responde: sou moreno!!!” Olhei fixamente em seus olhos, e sorrindo lhe disse: eu sou preta! W. deixa de olhar o seu braço, me olha nos olhos e me diz sorrindo: “é, tia! Somos da mesma cor!!!” Apesar de ainda ser impossível para ele dizer que era negro, por desejar ser amado pela mãe, houve ali um reconhecimento do outro, ao poder dizer o que ele é. A partir desse dia W. começou a não se importar tanto com roupas de marcas e passou a fazer planos para o futuro: quando ficasse adulto, ele queria se reunir com os seus irmãos que não convivem, queria ter uma família. Sua agressividade na escola diminuiu aos poucos. Agora ele falava que precisava conhecer seus outros irmãos.

A avó por intermédio da justiça, conseguiu que se dessem encontros com um desses irmãos. O segredo dos laços de sangue foi sendo trabalhado com a avó nas entrevistas que tive com ela, mais tarde o segredo foi revelado para o menino. Todos se surpreenderam quando o menino disse que desconfiava que não era filho de seu pai, mas continuou se identificando com o seu pai: queria ser forte e justo. Os afetos entre W. e seus avós não foi absolutamente abalado pela revelação do segredo; ele mantém laços afetivos muito fortes com seus avós e frequenta a casa do pai, com menos melindres. Sua mãe teve outra criança, branca, que foi abandonada. Desde então, W. percebeu que o afeto da mãe não passava pela cor. Ele já entendia que esse problema com a cor já existia antes na sociedade. W. terminou seu tratamento dizendo que no futuro iria se reunir com todos os seus irmãos: brancos e pretos!

2.3 Caso E: Jogue suas tranças Rapunzel.

“Você ri da minha roupa, você ri do meu cabelo, você ri da minha pele, você ri do meu sorriso. A verdade é que você tem sangue crioulo, tem cabelo duro, sarará crioulo”
(Olhos coloridos/ Sandra de Sá)

Há cinco anos, atendi na FAMAD, uma garota negra de 12 anos, que chamarei de E. A menina havia sido encaminhada para atendimento em função da queda de seu rendimento na escola, decorrência de seu diagnóstico de dislexia. Passou por um atendimento psicológico na instituição por um determinado tempo, a qual a menina não aderiu por não haver uma transferência com a psicóloga. Vale ressaltar aqui, por motivos do tema da negritude racial, que a psicóloga que atendeu a menina anteriormente era branca. Após uma junta profissional na fundação e a verificação da não evolução da menina nos atendimentos, a menina foi encaminhada para um atendimento psicológico específico: uma abordagem psicanalítica, no intuito de buscar a causa fenomenológica do fator que atrapalha o andamento escolar da menina. Foi nesse processo que E. chegou aos meus atendimentos.

No primeiro momento o assunto que chegou até a mim foi o problema escolar, mas logo após foram se esmiuçando vários pontos. Trata-se de uma escola particular na qual a maioria dos alunos eram crianças brancas, pontos que apareciam sutilmente nas falas da menina nos atendimentos, mas que já eram suscitados pela sua mãe nas entrevistas preliminares. A mãe da menina era professora nessa escola particular, muito conceituada no Rio de Janeiro, e a filha tinha direito de ter uma bolsa estudos na instituição. De origem

humilde e de renda social baixa, E. morava em comunidade e por mais que estudasse numa escola conceituada era difícil se adequar a rotina de estudos e vida social das colegas. A mãe queria para a menina a oportunidade de Educação escolar a qual ela não teve acesso no passado e teve que enfrentar muitas barreiras pra ascender profissionalmente e obter um cargo de professora nessa escola, e de alguma forma esse desejo da mãe tinha um peso muito grande para a filha, que se cobrava e ao mesmo tempo se angustiava por não atender as perspectivas da mãe.

Seus pais são separados. O pai de E é ex-usuário de drogas e trabalhava como cozinheiro. Em referência ao seu pai, E. tinha muito desejo em se tornar cozinheira e fazia vídeos no *you tube* postando seus feitos culinários. Por outro lado, a mãe de E. sempre destituía o pai para E. como homem na frente da menina, por não auxiliar na educação da menina do modo que ela entendia como o melhor para sua filha. Aos poucos, principalmente quando o pai ficou desempregado, E., assim como sua mãe, o destituía nesse lugar de homem, mas a menina conseguia preservar a imagem carinhosa do pai. E. o bifurcou na posição de homem e de pai. E esse processo teve influência quando E. começou a ter suas escolhas amorosas, no início da puberdade.

Durante seu tratamento, a adolescente disse que havia se apaixonado por um colega de classe. Ela sofria porque achava impossível que ele viesse a se interessar por ela. Diante de muito sofrimento por esse amor platônico e algumas mudanças em seu semblante, consegui captar nos atendimentos que este menino era branco e por mais que ele a desqualificasse em suas características de mulher negra, um racismo escamoteado a qual a menina não conseguia se ater, ela ainda insistia em querer “ficar” com esse rapaz.

E. passou a fazer de tudo para conquistar o amor dele. Usou vários recursos tentando se encaixar no padrão de beleza que era ditado pela sociedade, ou seja, o de uma garota branca que poderia interessar a esse menino. Seus esforços se concentraram na mudança de seus cabelos. Passou a alisá-los, usando produtos químicos e até mesmo instrumentos bastante invasivos. Com o passar do tempo, ela percebeu que o alisamento dos seus cabelos não tinha sido suficiente para que ela despertasse o interesse dele. Resolveu então pintá-los de louro, buscando copiar outras meninas do colégio admiradas por esse garoto. Ora, o cabelo crespo da mulher negra é uma característica que a remete diretamente ao reconhecimento de sua raça. Ou seja, ter cabelo crespo é uma característica marcante da negritude, evidente em seu corpo.

Sabemos que a puberdade é um período difícil, no qual as meninas começam a enfrentar um desafio de se fazerem amar pelos homens. Elas tentam se adequar aos padrões ditados pela sociedade do que seria uma mulher desejável. No caso de E. essa escolha é um tanto penosa, pois o pai que antes ela via como um homem admirável e que poderia ser um padrão para sua escolha de parceria amorosa foi destruída pela fala da mãe e junto com isso ficou pra ela a marca de que o homem negro não tem valia para se fazer par, nisso E. faz suas buscas das parcerias em homens de cor branca.

Para uma menina negra, essa entrada na puberdade traz um embaraço ainda maior, pois é nesse momento de formar parcerias amorosas que ela pode começar a perceber a barreira que implica viver numa sociedade cujo padrão de beleza desvaloriza várias características do seu corpo: nariz largo, quadris largos, pele escura e cabelo crespo. É preciso lembrar que há anos, essa questão do cabelo crespo era um grande problema para muitas mulheres negras, pois seu cabelo costumava ser motivo de chacota.

Durante muito tempo, as mulheres negras não tinham referências históricas ou mesmo dentro do seu ambiente familiar que lhes ajudassem a considerar belas as características de seu corpo. Podemos dizer que isso vem mudando, pois tem aumentado o número de mulheres negras que passaram a valorizar e se orgulhar de seus cabelos. Essa mudança de posição das mulheres negras tem tido consequências na oferta do mercado capitalista, que passou a investir cada vez mais na fabricação de produtos próprios para cabelos de negros. Creio que posso dizer que o capitalismo teve que se render à demanda das mulheres negras que se recusaram a aceitar os padrões de beleza da mulher branca.

Mesmo assim, a desvalorização imposta pela cultura às meninas negras ainda é muito forte e evidente. Basta simplesmente percorrermos as histórias infantis, nas quais as princesas que despertam o amor dos príncipes são brancas, de pele muito alva, e geralmente têm cabelos loiros para verificar o problema de identificação das crianças negras diante dessas narrativas. Cito o exemplo da história de Rapunzel, que jogou suas enormes tranças loiras pela janela da torre, permitindo assim que o príncipe que a amava chegasse até ela e a libertasse da bruxa que a aprisionara.

Ora, as meninas negras pensaram que não podiam ser Rapunzel nas peças escolares, por não serem loiras e terem a pele alva e cabelos loiros. Como E., elas acreditaram que, por não apresentarem essas características das mulheres brancas, não conseguiriam despertar o interesse de seus príncipes. Hoje temos desenhos infantis que falam de princesas negras, como a princesa e o sapo por exemplo, assim também como literaturas

infantis que estão investindo em personagens negros de duas formas: primeiro para o público da primeira infância, retratando o tema da negritude, também fonte de material de trabalho pedagógicos e terapêuticos, pois ainda estamos numa era ao qual temos que reforçar para as crianças negras seu valor cultural. Outra parte são histórias que há personagens negros sem ao menos tocar na questão da negritude, retratando casos cotidianos, uma estratégia de pertencimento social, que são escritos para o público infantil da segunda infância que já trabalhou as questões da negritude nas literaturas específica para isso. Essas literaturas auxiliam as meninas em seu processo de reconhecimento da negritude.

Atualmente uma nova geração de mulheres negras passou a valorizar seus cabelos ao natural, a fazer cachos e tranças muito sedutoras. Penso que, com o sofrimento de E., pude exemplificar a exclusão e a desvalorização das quais padeceram mais agudamente, mas ainda padecem algumas mulheres negras. Elas também tiveram, por muito tempo, que alisar seus cabelos, ao perceberem que seu cabelo crespo era desvalorizado socialmente.

O que fez com que o cabelo da mulher negra passasse a ser considerado belo atualmente, capaz de produzir o interesse dos homens? Penso que o processo de reconhecimento da própria negritude e o resgate das histórias das mulheres negras que já foram rainhas tem ajudado essas mulheres a romper com a denegação da sua raça e a acreditar na sua potencialidade como mulher, deixando de lado os padrões da brancura europeia que lhe foram até então impostos pela sociedade.

Foi preciso um trabalho de escuta e de desconstrução do valor de beleza da loura e branco como o único possível para que E pudesse se perguntar sobre sua beleza negra. Não foi um trabalho simples e nem poderia ser imposto. Provavelmente o fato de que eu, psicóloga que a atendia na instituição, mas também negra, tenha ajudado a que ela me colocasse numa posição de sujeito suposto saber sobre a beleza e o valor da negritude. Ainda assim, uma simples identificação a quem ele conferia autoridade não será o suficiente para que ela possa constituir sua própria subjetivação de beleza feminina.

Com mudanças de turno escolares de E. e a diminuição de carga horária de minha parte para poder me implicar nos estudos da pós graduação, o tratamento foi interrompido quando já se falava abertamente a questão da negritude. Esse corte mediado naturalmente pela vida foi o tempo em que E. teve para maturar sua questão da negritude tanto em seu meio escolar quanto no lar em que vive. Ao retornar minha escala normal de horários, E. me convoca no lugar de analista e pede para retornar aos atendimentos. Ao chegar no set analítico falo para E. como estava diferente e bonita, ela rapidamente disse:

“ah! Você está falando do meu cabelo? Porque eu mudei! Você lembra como ele era pintado e esticado?” E. rapidamente retornou ao ponto de partida ao qual havíamos parado e não hesitou em colocar o cabelo dela pra jogo em análise. Ela referenciou o seu cabelo ao significante bonita sem que eu houvesse tocado na questão do cabelo; dessa vez crespo ao natural e da cor castanha.

Diante disso E. deu notícias desse tempo do corte de análise. O assunto que a mãe já falava abertamente sobre negritude e E. não conseguia falar com a mãe, hoje já é assunto de mãe e filha sem que haja tabu. Sobre a escola que frequentava E. e a mãe viram que havia muito mais barreiras, fora a questão da negritude, que impediam E. de estar ali, assim como o fator social, que impedia a mãe de E de comprar os livros da escola, essencial para estudar para as provas no qual a menina tirava notas baixas, que tinha um valor exorbitante a qual fugia totalmente do escopo monetário da mãe. Perceberam que por mais que a escola fosse boa e desse uma bolsa escolar, não dava o aparato necessário para E. se manter na escola. Não se tratava apenas do diagnóstico de dislexia, mas das conduções que ela tinha para acompanhar as matérias e não alcançar o mesmo aprendizado que os outros alunos de classe. E. repetiu de série e junto com a mãe resolveu mudar para uma escola pública. E. manteve algumas amizades da escola antiga, de meninas brancas, que via que a amizade de fato ia além da questão negritude. Ainda está a volta amorosas com meninos de cor branca e tem tentado trabalhar essa questão tendo esses tipos de relação interracial sem ter que se ferir e se preservar como mulher negra. Agora, em análise, novos desafios estão engendrados para E.; fazer novas amizades, de meninas negras que são a maioria na escola pública e enfrentar um novo modelo de Educação.

2.4 O caso T: Que criança eu sou?

“Já me perdi tentando me encontrar, já fui embora querendo nem voltar(...) sempre dou o meu jeitinho, é bruto mas é com carinho, porque Deus me fez assim, dona de mim.”

(Iza / Dona de Mim)

Trata-se do caso de outra menina negra, T., que frequenta a Casa da Árvore. T. frequenta a casa da árvore desde muito pequena. Lembro quando cheguei pela primeira vez na CDA e foi ela quem se prontificou em me dar as boas-vindas apresentando o espaço, explicando as regras da casa e logo me monopolizando para que eu fosse somente a psicóloga

dela, uma pessoa exclusiva para que ficasse com ela o tempo todo no plantão. Após assistir as supervisões semanais da CDA pude ouvir que a menina faz essa apresentação e acolhida a todos os profissionais que chegam, e há essa sedução aos psicólogos no plantão para que um dois três ficasse somente com ela.

Logo, ao completar 9 anos, ela passou a se autodenominar pré-adolescente. Justificou essa nomeação dizendo que não é mais uma criança, mas ainda não é uma adolescente, tomando para si o discurso corrente sobre o desenvolvimento, mas, como vimos nos atendimentos, esse era um modo de justificar sua dificuldade em começar a se pensar como uma mulher. Apesar de ter apenas 9 anos de idade, a sexualidade chega à essas meninas muito cedo e T. já sabia que teria que se haver com essa questão. Destacarei algumas dificuldades de T. que pudemos observar nas brincadeiras com as outras crianças da casa.

O fato de T. sempre selecionar um psicólogo da casa para ficar só com ela era uma tentativa de camuflar a dificuldade de se relacionar com as demais crianças da casa. Tivemos como estratégia não ficar nesse lugar de psicólogo exclusivo da menina para que ela pudesse circular pelos plantões e assim podermos atuar em sua questão, que por ora era vista como antissocial frente as crianças, mas acolhedora com os adultos. T. começou mostrando algumas dualidades não somente nessas atitudes, mas também em outras, pontuando a direção de seu sintoma.

Quando conseguia participar de alguma brincadeira, sua relação com elas era marcada pela rispidez. Nas brincadeiras, inicialmente, ela encarnava sempre um personagem masculino, muito forte e dominador. Com o tempo, começou a encenar personagens femininos, cujas características são, contudo, as mesmas dos personagens masculinos anteriormente descritos: força, domínio, rispidez. Apesar disso, ela continuava demandando a atenção exclusiva dos psicólogos da casa, ou seja, que eles escutem suas histórias sobre o mundo real ou aquelas que ela inventa. Para muitos essa posição da T. de tentar saber o que era real ou fantasia era muito dispendioso para alguns psicólogos, assim também como para mim. Dessa forma resolvi apenas escutar a T. sem tentar descobrir se era real ou não, afinal de contas era uma fala que vinha dela, e isso bastava para um analista trabalhar. Essas histórias era sempre algo relacionado a sua pele, ao seu cabelo, sobre si, e de algum modo ela foi conseguindo elaborar que a sua questão ressoava no corpo.

Fazendo isso percebi que a menina tinha uma relação dúbia com esse corpo que crescia e era ele que ela carregava de energia nas brincadeiras, pois era ele que não era

aceito socialmente: um corpo negro. Um corpo negro que crescia, tomava espaço, assim como o da sua mãe demonstrava ser robusto e forte. A mãe da menina trabalhava como cuidadora de idoso numa casa ao lado da CDA, tínhamos fácil acesso a essa mãe e conseguíamos falar com ela sobre a T. Esta por sua vez sempre tentava tolher a menina quando ela pedia brinquedos de menino, com receio de sua sexualidade. Mas por outro lado, a mãe também escondia em si uma feminilidade, o ser mulher. T. não tinha essa referência feminina da mãe e esta por sua vez exigia uma postura a qual a menina não sabia dimensionar. T. morava com a mãe e o irmão, o pai não era presente, mas ela sabia apontar quem ele era no bairro.

Suas dificuldades também aparecem em relação ao seu corpo e à sua aparência. Como exemplo, evoco sua reação, em certa ocasião em que brincávamos fantasiadas, frente a um elogio das psicólogas à sua beleza. T. não conseguia acreditar que era bonita. Foi se olhar no espelho várias vezes, tentando conferir se esse elogio era de fato merecido. Não convencida, ela retirou o chapéu que usava como adereço de sua fantasia de vaqueira, deixando seu cabelo à mostra – dificuldade sempre presente, já que este mês apareceu com queimadura no braço na tentativa de alisar seu cabelo com uma prancha alisadora – e perguntou se mesmo assim estava bonita. As psicólogas por sua vez reafirmaram sua beleza, acrescentando que a beleza não estava no chapéu, mas sim nela.

Nessa mesma época, ela sempre escolhia brincadeiras que envolviam o risco de se machucar, tais como: lutar com crianças maiores e mais fortes, lançar-se com violência no chão e mesmo chegar a quebrar uma cadeira ao se sentar. Em certa ocasião, a psicóloga teve de retirá-la da brincadeira para lhe dizer que ela precisava ter cuidado com seu corpo. Isto foi escutado por ela – tentávamos cuidar para que ela não se machucasse –, o que redundou que ela passasse a moderar um pouco seus movimentos, provavelmente subjetivando melhor um valor para seu corpo que, além de poder ser bonito, também merecia cuidado. T. lançava para o seu corpo uma energia de raiva e logo se machucava, descontava no próprio corpo o fato de estar crescendo e o que fazer com isso. T. ficava frente a um horror de ser mulher nesse corpo negro.

Ao passar dos tempos, a menina foi conseguindo internalizar um pouco mais este cuidado com o seu corpo, através de um Outro que investe nesta relação. Certo dia, ela relatou a sua insatisfação por ter faltado alguns dias, porque estava com febre e dor de garganta. Ao mesmo tempo, enfatizou com alegria que sua mãe havia cuidado dela, levando-a ao Posto de Saúde. Nesse dia, na brincadeira, ela assumiu o papel da mãe que cuidava do

filho doente, e lhe dizia que ele precisava tomar o remédio na hora exata para que se curasse logo. Ao ser questionada sobre a participação do pai nesses cuidados, sua resposta foi imediata: “O pai não cuida! Ele só dá o dinheiro para o remédio e fica bebendo no bar”. Ela faz uma denúncia da ausência de cuidados desse pai, um pai que se mostra frágil diante das dificuldades, que por outro lado, sua mãe se faz forte e zeladora.

Neste mesmo dia, T. se envolveu numa discussão com uma colega que era; muito mais corpulenta, que fazia esportes de luta e tinha a cor de pele clara, apesar de ter traços negros como nariz largos e cabelos crespos, dessa discussão T. começou a chorar. Desta vez não foi um choro provocado por uma dor física, mas um choro mais primordial, um choro de angústia! Ela pode colocar em palavras o que sentia: “Estou estressada! Eu não aguento mais essa garota!” A outra menina, que também tem uma personalidade muito forte, foi logo se defendendo, dizendo que ela não havia encostado em T., que não a machucara. Pontuei que há várias formas de se machucar alguém, que não necessariamente passava por encostar no corpo. Nesse momento T. parou de chorar e começou a dizer para a menina qual tinha sido o motivo do seu estresse. Dessa discussão não resultou qual das duas estava com a razão. O resultado mais importante foi que T. pôde falar sobre o que ela estava sentindo, sem usar a fantasia, pode se defender de algo Real através da linguagem e percebeu que não precisa ser forte o tempo todo. O valor desse estresse era um ciúme e inveja desta outra menina a qual todos a elogiava por ser muito forte e boa lutadora, isso num momento em que ela se encontrava frágil e não admitia estar nesse lugar.

A partir destes desdobramentos prévios, percebemos que ela está vivendo um período que põe em xeque sua identidade feminina, difícil para qualquer menina, mas que é muito mais complexo quando se trata do crescimento de um corpo de mulher negra. As quedas e as brincadeiras de cunho mais violento parecem ser também uma maneira de testar seu corpo diante destas mudanças e de externar sua própria posição paradoxal de desvalorização do seu corpo, uma vez que vive em um mundo no qual o discurso que desvaloriza o corpo negro é o dominante.

Assim como várias saídas de crianças na casa, T. também teve seu momento de partida, mas sempre retorna para dar um “oi”. Nessas visitas T. enfim conseguiu no último natal ganhar o brinquedo que a mãe considerava de menino, um skate. E tem tido mais cuidados com seu corpo, não havia hematomas como antes e tem usado apetrechos que socialmente são considerados mais femininos, sua postura se mostrava menos truculento e

seu corpo estava mais desarmado. Hoje T. usa o seu corpo mais maleável para andar de skate nas ruas da Ilha da conceição.

2.5 Caso G: O corpo da mulher negra tomado como objeto

“Eu acho que paguei o preço por te amar demais, enquanto pra você foi tanto fez ou tanto faz magoando pouco a pouco, me perdendo sem saber e quando eu for embora o que será que vai fazer?”

(Minha Estranha Loucura /Alcione)

Durante o estágio prático deste curso de mestrado profissionalizante tive a oportunidade de voltar a atender no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da UERJ, desta vez fazendo parte de um grupo de pesquisa que atende mulheres vítimas de violência. Este projeto tem parceria com a Delegacia de mulheres que encaminha aquelas nas quais se percebe algum sinal de agravamento da violência na relação com seus parceiros.

Um desses casos me chamou particularmente a atenção, em função do fato dessa mulher, que chamarei de G., ter passado ao ato logo após as primeiras sessões comigo.

Ela era atendida nesta instituição há quatro anos e havia passado por três estagiários de psicologia. Durante esse período, queixava-se da sua vida, de sua falta de desejo e se questionava sobre seu casamento desgastado e abusivo. Já no primeiro contato com G. – ou seja, quando o estagiário que atendia anteriormente me apresentou para ela – percebi que havia no olhar que ela me dirigiu algo ainda misterioso, mas que identifiquei como uma surpresa. No final da primeira sessão que tivemos isso se esclareceu, pois ela me disse que, ao longo desses quatro anos, eu era primeira estagiária negra que a atendia.

G. tem 29 anos de idade; é negra e casada. Formou-se há pouco tempo em Direito pela UERJ, mas está desempregada. Ela relacionou sua insatisfação em relação à sua vida conjugal com suas inúmeras tentativas fracassadas de conseguir uma vaga para trabalhar na área jurídica, apesar de enfatizar que seu currículo tinha sido elogiado pelos entrevistadores. Como não conseguia trabalho, dependia financeiramente do marido, que utiliza esse fato para diminuí-la nas inúmeras brigas entre eles. Cabe aqui dizer que seu marido é branco, ocupa um ótimo cargo e ganha um bom salário. Ela diz que seu casamento sempre sofreu muitas oscilações: um período com muitas brigas podia ser seguido por um momento de calma no qual existia entre eles um afeto quase fraternal. Ela acentuou que, diferentemente do que ocorria no início do seu casamento, já não havia desejo sexual entre

eles. Raramente eles transavam e quando isso ocorria era por insistência dela. Eles haviam combinado que não teriam filho inicialmente. Seu marido dizia que queria ter filho no futuro, mas G. não tinha este desejo.

Após uma briga com o marido, G. passou ao ato: tomou uma quantidade excessiva de medicamento e precisou ser levada ao hospital, onde ficou internada. Durante esta internação, G faltou algumas sessões. Ao voltar, ela demonstrou interesse em meu percurso profissional e se questionou sobre as dificuldades que tive. Percebi que ela utilizava a palavra dificuldade para falar da cor da minha pele. Apontei a ela isso, abrindo o espaço para se discutir a negritude.

Desde então, G. começou a falar dos embaraços que teve na vida pelo fato de ser uma mulher negra e como era difícil encarar o processo de sua negritude. Comentou que parou de usar química para alisar seu cabelo quando passou a se identificar com a história do negro, que era sua de pertencimento. Acrescentou ainda que, quando passou a se identificar com os movimentos negros, também se afastou de sua religião anterior, a evangélica, já que os evangélicos não toleravam alguns cultos praticados pelo movimento negro e criticavam o Funk.

Nesse processo de identificação da cor da sua pele, a paciente começou um movimento de procurar outros parceiros para ter relação sexual fora do casamento. Essas parcerias eram ex-namorados, pessoas que ela já havia se relacionado no passado: homens negros! Numa dessas aventuras amorosas ela engravidou de um de seus amantes. Desempregada e com medo do futuro de colocar uma criança negra no mundo sem um aparato, G confessa ao marido suas relações extra conjugal e lhe fala sobre a gravidez. Surpreendentemente o marido de G a perdoa e diz que assumiria a criança. Tomada pela complexidade dessa situação, G não consegue se ver mãe neste momento em que vivia mais intensamente sua feminilidade: a mulher negra que estava construindo para si.

G tinha atritos com sua mãe, segundo ela, sua mãe tinha inveja por G conseguir estudar e realizar o desejo de sair da comunidade. Sua mãe é manicure e mora numa casa humilde. G. não morava com sua mãe, desde pequena foi criada pela avó materna. Sua mãe engravidou muito nova e sua avó a tutelou desde o seu nascimento. O pai mora no Nordeste e não tem contato com ela. G sempre questionou o porquê da sua mãe não demonstrar afeto, dizia não saber como ser mãe por não ter tido uma como exemplo. Tomada por essas questões maternas e da parceria com o seu marido branco, decidiu não ter o filho. A partir disso veio uma avalanche de questões que perpassava desde o seu corpo negro de

mulher até o fato de ter um filho negro dentro de uma sociedade racista. O processo de atendimento de G após decidir não ter a criança foi muito denso, pois abriu-se, cada vez mais, para o conteúdo traumático da sua infância sem a presença do pai e da mãe. Nesse caminhar, entendemos que na realidade foi um deixar-se engravidar, para testar no seu corpo a ambivalência entre ser mulher e ser mãe. Por mais que tenha decidido não gestar a criança, teve desejo, um retorno aos corpos negros das parcerias passadas, na tentativa de retomar algo do seu feminino que havia perdido, a medida que não era desejada sexualmente pelo seu parceiro branco.

Por mais que G. tivesse tido parceiros negros antes de se casar, a escolha de um companheiro para firmar um compromisso formal diante da sociedade foi a de um homem branco. Esta parceria lhe rendeu uma ascensão social, no que diz respeito: a sair da comunidade e mudar para um bairro mais requintado e poder se manter num curso de Direito sem muitos atropelos financeiros. De acordo com G. seu parceiro não transparecia um homem racista; apresentava a amigos, levava aos lugares que frequentava e a auxiliava financeiramente. Por outro lado, a queixa que G fazia de uma relação abusiva havia embutido uma discriminação racial. O fato de diminuí-la em sua intelectualidade por não conseguir uma vaga nos concursos públicos a qual ele fazia questão de pagar e a insistente lembrança da sua origem familiar. Questionava a G o que fazia este homem branco, além do afeto que sentia, aceitar manter essa relação matrimonial mesmo sabendo das outras relações que ela não se preocupava em esconder? Ela não conseguia responder. Para ela ainda era impossível conceber que ele em sua posição de homem branco a mantinha como um objeto-dejeto, onde depositava todas as frustrações dele como homem por ter uma relação difícil de poder com o seu pai. Com G era o único momento possível que ele se sentia superior e ativo.

Outro fato trabalhado, foi o modo que ela se lançou para reivindicar o seu lado mulher que estava esquecido pelo marido. Fez uso do corpo e da sexualidade para voltar a se sentir desejada novamente. O corpo da mulher negra sempre foi usado para satisfazer desejos dos homens e depois é descartado. “Não temos problema algum com a sensualidade, o problema é somente nos confinar a esse lugar, negando nossa humanidade, multiplicidade e complexidade. Quando reduzimos seres humanos a determinados papéis, retiramos sua humanidade e os transformamos em objetos.” (RIBEIRO, Djamila, 2018, p.143). Diante disto, não cabia julgar o seu processo de recuperação feminina, mas sim questionar se havia outro modo de se empoderar, colocando em xeque a sua independência financeira. Após alguns trabalhos acerca disso, G. resolveu vender bolos de pote, ter ao menos algum dinheiro

que a permitisse ir e vir sem ter que implorar para o marido. Mesmo diante da contrariedade do marido em realizar esse trabalho, ela pôde bancar essa decisão e ter uma renda autônoma e disso poder sustentar suas provas e estudos para concurso público. G conseguiu sublimar seu desejo e se empoderou não somente pela sensualidade como é feito na maioria das vezes, ela ressignificou seu conceito de empoderamento e saiu desse circuito de mulher negra só servir para atender o desejo sexual do Outro. G continua casada e se havendo com seus sintomas que faz par com o sintoma de seu marido.

Com o fim do meu estágio na Universidade, G demandou que o próximo estagiário a atender fosse outra mulher negra. Ao questionar esse desejo, G falou o quanto esse fator ajudou em sua evolução nos atendimentos. G continuou seu atendimento na universidade com outra estagiária negra, como foi de seu desejo. Ao sair de cena, refleti sobre o atendimento das mulheres negras em *sets* analíticos que muitas das vezes é reduzido somente as estruturas sem implicar sua negritude que tem um peso primordial em sua vida. Desde o princípio a psicanálise questiona o que é uma mulher, mas quando se trata de uma mulher negra, a sua questão racial antecede a essa pergunta. O que é ser uma mulher negra? Só se aproxima dessa resposta àquela que carrega o fardo da cor e passa pela experiência ancorada no corpo. Por mais que haja a sororidade, talvez num ponto comum na coletividade que são os históricos de luta da escravização, chega um momento que é subjetivo, que cada mulher terá uma direção de sintoma.

2.6 Caso M: Ser mãe

*“Eu vi mamãe oxum na cachoeira, sentada na beira do rio, colhendo lírio lirulê, colhendo lírio lirulê, colhendo lírio pra enfeitar o seu gongá”
(Mamãe oxum/ Zeca baleiro)*

M. é mãe de um menino que foi atendido na FAMAD. Ela havia procurado ajuda em função das dificuldades de aprendizagem de seu filho caçula, motivo frequente de busca à instituição. A relação de M. com este menino era um tanto simbiótica. Ao longo do trabalho, pudemos perceber que a dificuldade de aprendizado da criança era um pedido de ajuda para romper esse grude com sua mãe, que se tornara patológico.

Já nas primeiras entrevistas como M., percebemos que ela não conseguia falar sobre ela sem incluir o filho em seu discurso. Ela parecia se ver apenas como mãe, nunca como mulher. Após várias entrevistas, começamos a perceber o motivo desse total

prevalência da maternidade na vida dessa mulher. Como veremos adiante, a maternidade era uma defesa contra o seu lado mulher.

M. havia se separado recentemente do marido, porque ele a traía. Após anos de casamento, teve de se confrontar com sua nova condição, o que foi muito difícil para ela. Aqui é preciso esclarecer que M. vem de uma família que pode ser considerada como a família tradicional brasileira: pai, mãe e filhos. Seus pais mantêm até hoje um longo casamento, e seus irmãos mantiveram essa constituição familiar. M. é negra e mora numa comunidade. Ter se casado oficialmente no cartório e na igreja era, para ela, um motivo de muito orgulho, pois ela gozava da posição de mulher casada que muitas mulheres negras não têm acesso e de alguma forma se sentia superior as demais. Seu marido não permitiu que ela trabalhasse fora de casa, para que ela pudesse se dedicar inteiramente ao cuidado da casa e dos filhos.

Quando o marido resolveu se desquiticar dela para ficar com uma mulher mais nova, M. se deparou com duas situações bastante difíceis: ela passou a ser a única mulher desquitada em sua família, o que ela considerava um fracasso, pois aos seus olhos ela passara a fazer parte do universo de mulheres negras que tinham que viver só com os filhos sem o pai; a outra questão difícil foi ter que se deparar com seu lado mulher.

Numa das sessões, M. se queixou das coisas que tivera que abandonar ao se casar com seu marido: seu trabalho e sua religião. Falar de sua religião foi a porta de entrada para podermos começar a abordar o seu lado mulher. M. tinha sido praticante de um culto afro, o candomblé. Certa vez, ela se descreveu como filha e protegida da orixá Oxum. Pedi que ela me explicasse isso, e ela me respondeu que Oxum era uma jovem muito bela e vaidosa. Perguntei então o que ela tinha feito desde que se casou desse seu lado, se havia cuidado dela como mulher. M. me disse que deixara de cuidar dela desde que seus filhos nasceram. Não só havia deixado de se cuidar como mulher, mas também se desinteressou pela sexualidade. O sexo com seu marido era um ato que fazia parte de uma tarefa do casamento, não havia prazer.

Percebi aos poucos que M. privilegiou inteiramente seu papel de mãe como recurso para não ser mais uma negra a ser rechaçada na sociedade como mulher fácil, que tem vários filhos e sem pai. Ser mãe para ela se tornou um sintoma. Seus cuidados com o filho caçula se intensificaram bastante. Pudemos chegar a pensar que ela havia colocado este filho no lugar do homem perdido. Aliás, este filho caçula era muito parecido com seu pai, tanto fisicamente como em seu comportamento. Ela se grudou ao filho, vivia para ele, o que

provocava na criança um conflito: por um lado, ele queria os cuidados da mãe, mas por outro se sentia sufocado por ela. O atendimento de M. possibilitou que menino enunciasse este sufoco, o que redundou numa certa melhora de seu rendimento escolar. Já o trabalho com M. possibilitou que ela pudesse se deparar com questões da sua negritude enquanto mulher tocando na delicada linha que separa ‘mulher’ de ‘fácil’ o que, na sociedade racista na qual o corpo negro desde sempre foi associado à carne que se compra e vende, torna muito mais difícil desejar e se deixar desejar sexualmente sem as insígnias que protegem e conferem respeito à mulher como ser casada, branca, etc.

Nesse caso, a fala de M só foi possível através de uma escuta que decorreu da minha aceitação de que ela falasse de sua religião. Penso que se não tivesse havido acolhida para que ela falasse dessa prática – tão deturpada por ser da cultura afro – haveria mais dificuldade para que sua questão como mulher negra pudesse aparecer no tratamento. Oxum é a referência de M como mulher, assim também como muitas outras orixás que são uma representatividade para mulheres negras dentro do culto afro. O preconceito religioso e cultural impede que muitas mulheres negras tenham acesso a esse empoderamento feminino negro que são encarnadas nas Yabás (orixás femininos).

A questão levantada nesse estudo de caso trata da solidão da mulher negra que muitas das vezes são abandonadas pelos seus companheiros em detrimento de outras, que são brancas ou menos retintas que ela. Muitos homens negros introjetam a pirâmide social no momento de afirmar suas relações afetivas. A mulher negra ocupa o último patamar da pirâmide social, em outras palavras, tem menos valia no contexto social, se comparado a um homem branco que ocupa o primeiro lugar. Dentro desse contexto o medo da G ficar sozinha é algo que vem do Real, pois o ficar sozinha é sinônimo de ser preterida e não ser amada.

Para M se reconhecer nesse lugar foi muito doloroso, e diante de sua questão sobre o porquê da solidão da mulher negra, ouve um silêncio ensurdecedor, pois ela sabia que não tinha a ver somente com o fato de não explorar o seu lado mulher ou ter exercido demais a maternidade. Mesmo seguindo todo protocolo, percebeu que aquilo que vale para uma mulher branca em seu papel social, não é válido para uma mulher negra. É algo que escapava aos seus esforços para manter sua família blindada, é algo que já foi dado pelo social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Antigamente o que oprimia o homem era a palavra calvário; hoje é salário”.

(Carolina Maria de Jesus)

A história do povo negro no Brasil está intimamente ligada à constituição política e econômica do país. Nesse trabalho foram citados recortes históricos de determinados momentos que se julgou importante para se compreender por que o povo de descendência negra não conseguiu se reerguer como cidadão no Brasil após a escravidão.

A liberdade dos negros foi uma estratégia política entre países, já que as condições escravocratas se mantiveram com outra roupagem, exemplo disso são os pagamentos caritativos pelos seus trabalhos; a continuação dos trabalhos que faziam na escravidão em troca de alimentação ou de um lugar para dormir. Ainda hoje encontramos senzalas contemporâneas; pequenos alojamentos insalubres- barracos em favelas- situados longe das casas grandes- prédios de luxo -, onde recebem seus açoites - quando o Estado ordena que haja operações nas comunidades sem planejamentos e jovens são alvejados simplesmente por ser negros e, por dedução preconceituosa, confundido com meliantes.

Todos os aspectos citados nos períodos históricos do nosso país - Brasil colônia, Brasil império, Estado Novo, Brasil República e a Globalização- mostram como a questão intelectual está atrelada ao capitalismo e conseqüentemente à ascensão do sujeito na sociedade. Em todos esses períodos subjugaram a etnia negra em suas características intelectuais e, além de escravizar fisicamente no período colonial continuaram a escravização mental por muitos anos. A ciência deu o aval que o capitalismo necessitava para se manter absoluto no mundo, por várias gerações, ao agregar a inteligência à superioridade humana do branco.

Pretende-se que a base para a ascensão do sujeito seja a intelectualidade, mas o sistema faz com que os segregados tenham o mínimo de contato com a educação necessária a esse processo. A ponte de acesso para as melhores instituições de ensino custam muitas cifras monetárias, assim como para adquirir as tecnologias de ponta que auxiliam e beneficiam esse percurso. Por muitas das vezes o povo negro tem acesso a tecnologia e ensino superiores quando são objetificados como mão de obra para o trabalho. São raras as

vezes que os acessos ocorrem a partir da posição de sujeitos desejantes que almejam ceder ao gozo de usufruir dessa intelectualidade. Recentemente isso vem ocorrendo nos meios acadêmicos, mesmo que alguns tenham que pagar o preço de bancar esse lugar, pois uma pessoa negra intelectual se encontra numa posição em que precisa encarar a violência que lhe atinge dos dois os lados; do lado da própria academia, pela dificuldade em reconhecer a legitimidade de seu pertencimento; e do lado do próprio gueto, por acreditarem, muitas das vezes, que para estar nesse lugar houve um distanciamento entre o negro intelectual e o seu povo.

A intelectualidade acadêmica, junto com a ciência, vem ganhando seus louros antes mesmo da globalização. Foi na era do Estado novo que o Brasil se ateve ao boom intelectual, e no intuito de desenvolver o país acompanhou esse movimento, que até então era estrangeiro. Houve um incentivo aos intelectuais do país para produzir e entrar no nicho da bolha econômica, ressaltando ao mesmo tempo as características do país. Nesse momento as obras dos negros, quase não eram exaltadas, pois a maioria retratava a dor dos que viviam no país que os escravizava sem ter havido uma retratação, tendo que sobreviver à rebordosa política.

Ainda que os artistas negros não fossem reconhecidos essa era a forma pela qual encontravam uma forma de sublimar sua dor. No entanto, com esse trabalho, foi necessário fazer referências aos artistas negros ou que fazem alguma articulação com a luta antirracista; músicos e poetas, que retratam o real da violência racial. Os trechos de músicas escolhidos nessa dissertação como epígrafes dos textos fazem parte da tentativa de demonstrar que os traumas ainda circundam em forma de chistes poéticos. Os pontos que são cantados nos terreiros falam pelos antepassados, as dores da violência são sentidas até hoje quando as melodias são ouvidas. Talentos como Pixinguinha e Noel Rosa são hoje reconhecidos, mas as perseguições e dificuldades que sofreram ao compor letras que denunciavam a violência são camufladas.

Por mais que houvesse a pretensão de realizar um trabalho linear, no que diz respeito à historicidade do coletivo negro, essa pesquisa foi apontando movimentos cíclicos, questões que vão retornando para o sujeito negro a todo o momento. Esse ciclo envolve a violência, pois quando o sujeito se revolta em não ter acesso ao seu gozo; acesso ao desenvolvimento da sua intelectualidade e as tecnologias de ponta, ele recorre a via da violência contra aqueles que consideram causadores da sua dor. Hoje as chibatadas são as limitações político-social.

Foi pensando nessas limitações que começou a haver o renascimento dos guetos. Essa mobilização, através de estudos dos descendentes dos escravos, fortaleceu grupos sociais e fez

perceber que o sintoma da violência não é exclusivamente do negro, já que a constituição da escravidão teve a participação do homem branco, no entanto, esse sintoma da violência não é absoluto do negro, mas também do branco, logo é um sintoma coletivo. O dismantelamento desse sintoma coletivo só pode advir da retratação política que permita o acesso igualitário, de negros e brancos, à saúde e principalmente à educação, só assim os privilégios serão compartilhados. Mas para que isso aconteça alguns terão que renunciar ao seu gozo.

Bell Hooks (2018) destaca em suas obras que o único modo do negro ascender socialmente seria através da escolaridade e para isso teríamos que transgredir o sistema, que é sucateado para que o negro não tenha acesso a sua história e direitos. Os sintomas dos casos apresentados das crianças e adolescentes trabalhados aqui advêm do meio social, e, como responsabilidade do meio, o Estado teria que acolher essa demanda, porém o que percebemos são vários furos nessa tarefa. Por ora, quem vem auxiliando essa população a ter minimamente acesso a seus direitos são o terceiro setor. Nos últimos tempos a psicanálise vem contribuindo de forma favorável ao atendimento dessa população, pois formam profissionais que se inscrevem nos cargos de concursos públicos, nos centros de atenção psicossocial, nos dispositivos criados pelo terceiro setor e em consultório de rua, profissionais que estão indo de encontro ao nicho que abriga a população negra.

Há uma questão que tem sido muito discutida nas potencialidades intelectuais negras de psicologia: quem pode atender a população negra? Somente psicólogos negros outro qualquer outro psicólogo? Isso pode se desdobrar para a pergunta sobre o lugar do analista para um sujeito negro em análise.

Há quem defenda que somente uma pessoa negra pode escutar outro negro, pois há similaridades históricas em sua dor e uma necessidade coletiva da autoajuda, principalmente quanto ao quesito monetário na medida em que fazem a moeda circular entre o povo negro.

A partir de um olhar clínico, essa forma de proceder tem também um lado positivo em auxiliar o outro para que haja uma evolução monetária, porém, ousar me debruçar o assunto de outra de pensar como essa evolução possa acontecer de forma menos restrita.

A história nos ensina que a psicanalista, Virginia Bicudo enfrentou muitos desafios para fazer sua formação numa escola psicanalítica; a seguir tivemos a Neusa Santos que enfrentou muitos percalços em sua empreitada. Depois dessas duas psicanalistas, quase não se tem notícias de negros com formação psicanalítica no Brasil, principalmente de mulheres negras, embora haja uma predominância de mulheres nas instituições de psicanálise. Como para se ter uma formação em psicanálise contamos com três pilares -teoria, análise e

supervisão- isso se deve, em parte, ao fato de que a psicanálise é formada por muitas pessoas brancas. Para um jovem negro sustentar o desejo de fazer sua formação, exige que ele banque ser atendido por uma pessoa branca para poder adiante fazer seus atendimentos com pessoas negras. Muitos não conseguem ou não se permitem ter um atendimento com psicanalistas brancos, o que faz com que caminhem em outras direções, como a psicologia social, por exemplo que de alguma forma acolhe uma coletividade em sua diferença e não tem um processo de formação próprio, como a psicanálise, mas apenas acadêmico,

A perspectiva de que os negros possam vir a ser psicanalistas também passa atualmente mais pelo engajamento com o ensino da psicanálise nas universidades. Nos cursos de Psicologia são oferecidos estágios supervisionados por psicanalistas. Essa movimentação pode vir a promover um desejo de inserção de jovens recém-formados em em cursos de pós-graduação a buscarem as instituições psicanalíticas mudando essa ausência de negros em seus quadros, o que já começa a se esboçar. As instituições psicanalíticas, por sua vez, atentas ao encorajamento de Lacan de que o psicanalista não deve perder de vista a subjetividade de sua época, tem isso receptivas aos movimentos antirracistas. Recentemente, um Fórum sobre o racismo foi organizado em Belo-Horizonte em março de 2018, por um dispositivo da Associação Mundial de Psicanálise intitulado ZADIG (*zero abjection democratic international group* ou, traduzindo, grupo democrático internacional de abjeção zero)⁵ que visou uma interlocução entre a psicanálise e áreas afins sobre o tema.

Outro aspecto a comentar diz respeito ao que alguns estudiosos clínicos propõem que apenas negros atendam a negros, baseados no manejo da empatia na clínica e também da especificidade do lugar de fala, e conseqüentemente de escuta, entre pessoas negras. Com a psicanálise esse conceito de empatia se desloca para o de transferência que deve guardar, ao contrário, não uma identificação imaginária do analista com o analisando, mas um campo de linguagem que acolha o que houver de mais singular na fala do sujeito em análise. A empatia deve ser restrita para evitar o que seu excesso promove uma identificação hipnótica. A transferência, mais além da empatia, visa justamente não calar a forma com que cada um vivencia seu desamparo ainda que este desamparo possa ser muito próximo a de outros. Sendo assim mesmo que um negro atenda o outro baseado em sua coletividade histórica, os sintomas não serão semelhantes, pois o sujeito é subjetivo e unívoco. Assim, esperamos que haja mais psicanalistas negros e que mais negros possam ser escutados em análise. É verdade que quando uma pessoa negra se realiza em sua formação há possibilidade de retornar suas

⁵ Cf. https://www.ebp.org.br/correio_express/extra001/index.html

origens oferecendo atendimento aos demais, esse ato faz evoluir socialmente e ainda faz circular entre os negros não só o fator monetário, mas um sujeito desejante no meio das comunidades fazendo surgir outras formas de atuar contra a segregação do negro. Mais importante do que auxiliar na questão monetária é fazer com que o sujeito seja desejante, pois é o desejo de ser um sujeito que o afasta da pulsão de morte, do tudo ou nada que transmite a violência.

Outro fato a esclarecer, são os termos utilizados no trabalho. O significante negro, vem sendo muito discutido, pois no início da escravidão esse termo era relacionado a menos valia, asco e dissociado da condição humana. Por esse motivo, alguns preferem utilizar o termo afro americano, que resgata a ancestralidade Africana e projeta a sua nacionalidade no continente que vive assim como defende a sua nacionalidade. Porém a escolha do uso do termo negro no trabalho veio como uma proposta política de aceitação da negritude, pois não há como dizer somente que somos afro americano e negar a cor que a pele carrega, pois como já foi afirmado aqui a cor da pele é o que chega primeiro aos olhos. Bancar o termo negro nesse trabalho, além de ser um ato político, é também refletir sobre os significantes que nós negros carregamos e com os quais nos articulamos. O termo afro americano, ou outro qualquer que se dirija ao povo negro, também pode portar na voz que o emite uma enunciação raivosa e preconceituosa, pois é o afeto que vem carregado no significante aquilo que faz o termo ser preconceituoso e violento. Nos tempos atuais tem havido respostas à esses afetos por parte dos negros, principalmente no meio acadêmico e nas militâncias, que fogem dos moldes históricos da violência social racista.

Uma dessas resposta é a sustentação afetiva de uma família intrarracial, principalmente por mulheres militantes. Todavia, a maioria das mulheres negras vem enfrentado dificuldades em se consolidar numa relação afetiva. Quando a relação é heterossexual, muitas das vezes, a parceria masculina tem dificuldades em assumir publicamente o relacionamento com uma mulher negra. O homem negro, principalmente aquele que está em processo de ascensão, está imerso na associação colonial de que a mulher negra tem menos valia e estar ao lado dela diz também do seu valor social. Nesse contingente das relações intrarraciais há casos de violência doméstica por parte do homem, que descarrega suas emoções reprimidas da posição social que ocupa, em suas parceiras promovendo violência tanto física quanto mental.

As mulheres negras periféricas trocam de parceiros a todo instante na expectativa de encontrar seu par amoroso, no entanto, são recriminadas em suas atitudes por

exibirem esses relacionamentos e apresentarem socialmente os frutos dessas diferentes parcerias. Outras aceitam e assumem relações dentro de triângulos amorosos como uma via de serem amadas. Vimos com frequência, pelo menos nos casos apresentados aqui, a ausência paterna na família das mulheres negras. A constituição familiar é composta por mulheres que são abandonadas com seus filhos, e esse processo se repete por gerações. Na época da escravidão o útero das mulheres eram depósitos de futuras mãos de obra que eram substituídos facilmente por aqueles que morriam em meio ao sofrimento da escravidão. Hoje, isso se perpetua, já que o povo periférico trabalha para sustentar uma economia covardemente, que só favorece a classe mais alta.

Por outro lado, as mulheres negras que ascendem socialmente, principalmente as acadêmicas, sofrem mais intensamente com a solidão, já que não se permitem posicionar passivamente frente as associações preconceituosas referentes a elas. Isso pode ser visto em seus discursos sociais, quando são consideradas raivosa e intolerante ao defender politicamente as questões da negritude, tendo em vista que a mulher de cor branca ao ter o mesmo comportamento, é considerada forte e empoderada. Todavia, o incômodo de haver uma mulher negra militando a favor do seu povo é também reconhecer que teve uma ascensão social e goza dos benefícios capitalistas existentes no mundo, rompendo a barreira da segregação. Ângela Davis (2017) nos fala que “quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. **Racismo e ato político**. Disponível em: http://www.ebp.org.br/correio_express/extra001/texto_CleytonAndrade.html>. Acesso em: 04 out. 2018.
- AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?** Belo horizonte: letramento, 2018.
- BAUMAN, ZYGMUNT. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2008.
- BERNARDES, ANGELA. **A carta fechada**. Em: *Opção Lacaniana online nova série* n.9. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero9/index.html>
- BORGES, R. **O racismo e o negro no Brasil questões para a psicanálise**. Org. KON, N. M; SILVA, M. L.; ABUD, C. C. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- CALDAS, H. **Segregação, sexismo e racismo**. Em: *Aleph, Revista da Delegação Paraná - EBP. Gênero: ser homem ou ser mulher na atualidade*, n. 5. Curitiba: Delegação da EBP-PR, 2017.
- CAMPOS, S. **Não existe raça, mas racismo**. Disponível em: < https://www.ebp.org.br/correio_express/extra001/texto_SergioCampos.html >. Acesso em: 04 out 2018.
- CARNEIRO, B. **A favela e a localização do mau no racismo contemporâneo**. Disponível em: http://www.ebp.org.br/correio_express/extra001/texto_bernardocarneiro.html>. Acesso em: 04 Jun. 2018.
- CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: selo negro, 2011. (Consciência em debate/ coordenadora Vera Lúcia Benedito)
- CARVALHO, R. L. **Um caso de militância virtual**. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/correio_express/extra001/texto_RodrigoLyraCarvalho.html > .Acesso em: 04 Jun. 2018.
- CASTRO, S. **Miscigenação**. Disponível em: http://www.ebp.org.br/correio_express/extra001/texto_SergioCastro.html.. Acesso em: 04 Jun. 2018.
- Du Discours Psychanalytique**. Disponível em:< [http:// pagesperso-orange.fr/espaces.freud/topos/~sycha/psysem/itale.htm](http://pagesperso-orange.fr/espaces.freud/topos/~sycha/psysem/itale.htm)> Acesso em: 20 out. 2018.

DAVIS, A. **Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo**. 2017. In: <https://www.youtube.com/watch?v=2vYZ4IJtgD0&feature=emb_title>. Acesso em: 08 Jul. 2019.

FRANTZ, F. **Pele negra e máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008. 194p.

FREUD, S. (1919/1996). O estranho. In: __ Obras completas de Sigmund Freud. **Uma neurose infantil e outros trabalhos**. V. XVII. Edição Standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Estudos sobre a Histeria** (1893-1895). In: __Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol.II. Edição Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Mal estar na civilização (1930[1929]) In: __ Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. **O futuro de uma ilusão, o mal estar na civilização (1927-1931)**. Vol.XXI. p.67-150. Edição Standard brasileira Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Sobre o Narcisismo: uma introdução (1914) In: __ Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Vol. XIV. p.77-110. Edição Standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. **Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Vol. III. Edição Standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: __ Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. **Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920 -1922)** Vol. XVIII. Edição Standard brasileira. Rio de janeiro: Imago, 1996.

_____. Tabu da virgindade (1918). In: __ Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. **Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920 -1922)**. Vol. XVIII. Edição Standard brasileira. Rio de janeiro: Imago, 1996.

FOUCAULT, M. (1978). **A história da loucura**. São Paulo: Perspectiva.

FUCKS, B. B. **O pensamento freudiano sobre intolerância**. Disponível em: Acesso em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n1/05.pdf>>04 out 2017.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir. A Educação como prática da liberdade**. São Paulo; WMF Martins Fontes, 2017.

JORGE, M.A.C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.1: as bases conceituais**. 6ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.2: a bases clinica da fantasia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano.** Lisboa: Orfeu negro, 2019.

LACAN, J. Agressividade em psicanálise (1948). In: __**Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 104-126.

_____. **Breve Discurso a lós psiquiatras.**(1967) In:
<http://www.teebuenosaires.com.ar/biblioteca/trad_07.pdf>. Acesso em: 04 mar 2017.

_____. Ciência e verdade(1965-1966). In: **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 869-892.

_____.Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre os psicanalistas na escola. In: __ **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. O seminário, livro 16. **De um outro ao outro 1968-1969.** Rio de janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. O seminário, livro 17. **O avesso da Psicanálise 1969-1970.** Rio de janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. O seminário 20. **mais ainda (1972-1973).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____.Alocução sobre as psicoses da criança(1967). In: __Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.[1967]

_____.(1974). Televisão, seminário de Lacan. Disponível em:
<<http://www.radiolacan.com/pt/topic/165/2>>. Acesso em: 02 out 2018.

LAURENT, É. 2.0 Racismo. In: __**Lacan cotiniano.nº371,** 2014.

MRECH, L. M; RAHME, M. **Psicanálise, Educação e Diversidade.** Belo Horizonte: Fino Traço editora, 2011.

MORITZ, N. **Por uma psicanálise brasileira.** In: O racismo e o negro no Brasil questões para a psicanálise. Org. KON, N. M; SILVA, M. L.; ABUD, C. C. São Paulo: Perspectiva, 2017

MUNANGA, K. **As ambiguidades do racismo a brasileira.** In: O racismo e o negro no Brasil questões para a psicanálise. Org. KON, N. M; SILVA, M. L.; ABUD, C. C. São Paulo: Perspectiva, 2017.

ONU .Disponível em:<<http://www.onumulheres.org.br/noticias/homicidio-contra-negras-aumenta-54-em-10-anos-aponta-mapa-da-violencia-2015/>>. Acesso em: 04 mar 2017.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: letramento, 2017. (Feminismos Plurais)

_____. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das letras, 2018.

SANTOS, N. S. **Tornar-se negro as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** 2ed. Rio de janeiro: edições Graal, 1983.